

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIENCIAS HUMANAS  
Departamento de Geografia

STEFANIE BRIEST MATTERN

**Do preço ao apreço:**

Uma revolução silenciosa no campo brasileiro.  
Relatos sobre o Bairro Demétria e a Comunidade que  
Sustenta a Agricultura (CSA).

São Paulo

2017

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS  
Departamento de Geografia

STEFANIE BRIEST MATTERN

**Do preço ao apreço:**

Uma revolução silenciosa no campo brasileiro.

Relatos sobre o Bairro Demétria e a Comunidade que  
Sustenta a Agricultura (CSA).

Trabalho de Graduação Individual  
apresentado ao Departamento de  
Geografia da Faculdade de  
Filosofia, Letras e Ciências  
Humanas da Universidade de São  
Paulo, como parte dos requisitos  
para a obtenção do título de  
Bacharel em Geografia, sob  
orientação da Professora Doutora  
Larissa Mies Bombardi

São Paulo

2017

MATTERN, Stefanie B. **Do preço ao apreço: Uma revolução silenciosa no campo brasileiro. Relatos sobre o Bairro Demétria e a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA).** Trabalho de Graduação Individual apresentado ao Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de Bacharel em Geografia, aprovado pela seguinte Banca Examinadora:

Aprovado em:

Banca examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_

Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_

“O homem vê no mundo aquilo que carrega no coração.”

Goethe

## *Gracias a la vida, que me ha dado tanto*<sup>1</sup>

Esta é, provavelmente, a parte mais importante do TGI. Escolher a Geografia e entrar na Faculdade é apenas uma pequena parte do caminho que trilho nesta vida, mas uma parte marcada de profundos aprendizados sobre o mundo e sobre minha jornada nele. Neste caminho da Graduação pessoas maravilhosas cruzaram meu caminho e agradeço profundamente a todos.

Meu agradecimento em especial

A USP, que possibilitou vivenciar essa Graduação e tudo o que uma universidade desta dimensão pode proporcionar.

Ao Departamento de Geografia, que com seu mosaico de professores enriqueceu meus aprendizados. Como é essencial vivenciar na prática, a teoria. Encontrei muito mais do que procurava.

Ao IEB (Instituto de Estudos Brasileiros) onde por 2 anos pude aprender e vivenciar o que é um Instituto da USP e mergulhar na cultura brasileira de maneira interdisciplinar. Graças ao IEB meu amor por este país se fundamentou ricamente.

A Magda Chang, minha amiga, pela confiança de sempre e por me mostrar o que é ser uma pessoa coerente, ética e responsável.

A Elisabete Ribas, pela ética, alegria e por ser uma luz no dia-a-dia.

Aos meus amigos queridos da Graduação por trazerem as mais diferentes cores em minha vida.

A Adriana Cirelli pela amizade, risadas e trocas e à Pietra Cepero, pelas longas e profundas conversas, pelo exemplo de dedicação e compromisso.

A Yamila Assis, por me mostrar um outro mundo e abrir suas portas para mim com todo amor possível.

Ao Andre Volich, pela amizade, pelo Vitor e Arthur, pelas conversas de poucas palavras, mas muita compreensão.

Agradeço aos meus amigos da Demétria: Adriana Aquino, Catherine Degoulet, Tabita Wittman, Marielza de Bona, Chayene, Geogria e Melina.

---

<sup>1</sup> Canção de Mercedes Sosa

A todos da Demétria, precisaria de 10 páginas.

A Inaiá de Carvalho e ao Cauan, minha família do interior. A Malen, hermana. Diana, Martin e Thania, pelo sangue latino amado.

Ao Fabio de Bona, por me mostrar o amor à vida e por contar e recontar as histórias.

Ao Tita, pela paixão pelo cerrado, pelas fotos e por me ensinar a ser firme no que acredito.

Ao Jorge Blaich e a todos que compartilharam suas histórias.

Ao Wagner Santos, por ser um exemplo de ação amorosa neste mundo e por me fazer insistir em lutar pela CSA.

Ao Hermann Pohlmann, pelo impulso e por me acolher e apresentar a CSA.

Aos meus colegas da Aitiara. Pela educação.

Aos meus professores e companheiros do Seminário, gratidão pelas descobertas do mundo.

A Ina e ao Miguel, encontros generosos e por me mostra a alegria da vida.

A Rita Retz, pela amizade enorme e por me mostrar o quanto a beleza cura e por me lembrar de dar sempre o meu melhor.

A Cynthia Braga, pelas risadas, alegria, amizade e caminhada.

A Isadora Serrer e Bluma de Bona, pérolas da graduação, pela amizade, sincronia e por serem companheiras de jornada sempre. Que juntas possamos viver sempre o bom, o belo e verdadeiro do mundo.

Ao Leonardo Versolato e Renato Brizzi pelas conversas filosóficas, pelas risadas e por serem aqueles irmãos que escolhemos nessa vida.

A Yule L. Barbosa, família escolhida, amiga. Não cabe no peito o quanto você é importante para mim.

A Valeria Montalvão, mestre. Grata por me ouvir, por me deixar falar e por ser luz na minha jornada. Minha gratidão é imensa e eterna.

A minha irmã, Anita, por ser minha amiga mais antiga, meu espelho e minha companheira para sempre.

A minha Oma Ina, pelo amor à natureza, aos animais e às plantas. Por cuidar de mim e me ensinar sobre o mundo maravilhoso da poesia.

Ao meu Opa Werner, pelos mapas, livros, documentários, pela cultura e amor à família, conversas ricas e por me inspirar a trilhar a geografia.

Minha gratidão à minha mãe, Heidi, pelo exemplo, pela dedicação ao outro, pelos talentos compartilhados, pelas artes e educação.

Minha gratidão ao meu pai, Rolf, pela paciência e por estar sempre ao meu lado, me apoiando e compreendendo meu ritmo. Pelo humor e pelo amor.

A querida Professora Larissa Bombardi, pela paciência, por ser um exemplo de coração generoso e profissionalismo. Agradeço por ter me acolhido, escutado, orientado e por se tornar uma pessoa especial e querida na minha vida. Que a academia tenha sempre o seu exemplo.

## **Resumo**

Esta pesquisa tem por objetivo ilustrar um processo de reflexão sobre a vivência da graduação em Geografia tendo foco como se dão as relações do Ser Humano com a terra cultivável e que tipo de relações sociais, ambientais e econômicas são criadas a partir disso. Parte do histórico do Bairro Demétria em Botucatu – SP foi levantado através de pesquisa participante, já que este lugar é um exemplo de resistência no campo brasileiro. Para compreender como se dá essa resistência, o trabalho apresenta um panorama do campo brasileiro do ponto de vista dos aspectos econômicos e enfoca a Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) como uma alternativa inteligente, que proporciona independência do agricultor em relação ao capital financeiro, cultiva a agricultura orgânica e cria outro tipo de relação entre produtores e consumidores, agora chamados de co-produtores.

Palavras-chave:

Demétria, Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA), Campo brasileiro



## ÍNDICE

Introdução	10
Capítulo 1 - A importância fundamental da Agricultura na composição da sociedade moderna.	14
Capítulo 2 - O Bairro Demétria e os elementos que o compõe.	16
2.1 - A região da Cuesta de Botucatu.	16
2.2 - Da Estância Demétria à formação do Bairro Demétria.	23
2.2.1 - A Estância Demétria – O começo-semente.	28
2.2.2 - Da semente, a planta e os primeiros frutos.	35
2.2.3 - Surgem os condomínios.	39
2.2.4 -O Sitio Bahia	47
Capítulo 3 – Um breve panorama do campo brasileiro: A Produção de alimentos, mercados alimentares e o papel das grandes corporações.	52
Capítulo 4 – A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)	70
Conclusão	83
Bibliografia	85

## **Introdução**

Sempre estamos vendo o todo mesmo que não percebemos, carregamos algo dentro de nós que nos capacita de ver a totalidade do mundo, pois se somente os olhos estivessem encarregados de enxergar, não veríamos o todo direito. Vemos coisas, pois carregamos o todo dentro de nós<sup>2</sup>.

Conforme aumentamos nosso mundo interno, ou seja, o campo da experiência, com referências, conceitos, aprendizados, mais subsídios temos para enxergarmos a totalidade do mundo com mais complexidade e coerência. Quando percebemos algo no mundo já participamos disso através de conceitos, reconhecemos algo. Coisas, fatos, fenômenos, objetos, nos estão falando de algo que é percebido, concebido.

O erro não está na perspectiva ótica, mas no julgamento. Certas medidas do que é a realidade, filtram a experiência e criam determinados conceitos sobre esta realidade. Estes conceitos sobre o que é realidade ou não, se largamente difundidos, criam crenças e ações no coletivo, posteriormente são bases que organizam uma sociedade.

Cada vez mais é pedida uma reavaliação de antigos conceitos e formas de estar e enxergar o mundo, como por exemplo, revisões de políticas sociais e econômicas.

O que sempre me fascinou na Geografia é a sua totalidade complexa de estudo, sua abrangência de temas, sua possibilidade de discussões amplas sobre as mais diversas faces do mundo em que vivemos e o quanto o “Mundo Físico” e o “Mundo Humano” estão intrinsecamente relacionados. Os anos da graduação somente confirmaram esta expectativa de uma “Geografia da Totalidade”, justamente pela frustração de haver separação em uma Geografia Física e uma Geografia Humana.

A relação Geografia Humana – Geografia Física fica somente clara quando partimos de um ponto de vista comum, o homem. A natureza, os objetos existem,

---

<sup>2</sup> Trecho da palestra de Craig Holdrege (Nature Institute) – proferida em 2010 na Faculdade de Psicologia da USP

pois o Homem os nomeou assim, é o olhar humano e a relação deste com o mundo que os caracteriza. Sem o Homem, o mundo apenas é o que é, sem substantivos, verbos e adjetivos. Podemos dizer que cada olhar, cada ser humano vê o mundo de uma maneira distinta baseada em sua própria experiência. Sendo assim, a ciência tem a interessante função de compreender esse mundo, de achar o comum e o diferente e entender os processos que ocorrem, sejam processos naturais ou humanos.

De acordo com uma busca interna foi na Geografia que eu achei respostas (e muitas perguntas) sobre questões como: “como compreender essa realidade que vejo?” ou “Onde e como posso agir de maneira efetiva para a transformação da atual realidade que me inquieta tanto?”. Não achei soluções, mas compreendi processos e essa compreensão me levou a procurar novas formas de fazer o velho. Isto é, ao invés de negar e combater o que está “errado” (segundo meu ponto de vista), procurar o que é feito de novo e que, ao ser feito, transcende a ordem vigente e transforma a realidade estruturalmente e não apenas superficialmente e em um curto período de tempo.

Durante quatro anos me debrucei sob os mais diversos temas na Graduação em Geografia e conforme o Trabalho de Graduação Individual (TGI) foi se aproximando a escolha de um tema ou uma área foi se definindo e como mencionado no parágrafo anterior, ele teria que se encaixar no perfil desta busca.

A Geografia Física possibilitou um conhecimento estrutural básico e indispensável, sobre o qual uma compreensão do Homem em sua totalidade pode se fazer mais lúcida. Enquanto que o estudo da Geografia Humana nos orienta a compreensão de praticamente todos os processos históricos, econômicos, sociais, filosóficos, entre outros, partindo da relação criada entre o espaço e o Homem.

Neste sentido, compreendo a geografia como uma experiência das diferentes dimensões dos estudos da Terra e das articulações entre sociedade e natureza. A multiplicidade das áreas de estudo cria uma cadeia complexa de influências, de causa e efeito, e é através do estudo do fluxo das ações que podemos analisar o que atualmente ocorre e podemos agir de forma mais consciente para transformarmos a realidade.

Nessa compreensão dos processos, a Geografia Agrária se destacou e espero poder compartilhar neste trabalho o motivo deste destaque e o caminho do conhecimento que trilhei nesta pesquisa.

“Gostaria de escrever sobre algo que não é alheio a mim, mas que faz parte do que eu vivo”. Foi este pensamento que me levou a fazer uma pesquisa participante, na qual eu estaria vivendo no lugar sobre o qual escreveria e assim criando laços mais complexos e profundos que me possibilitariam um estudo com estas qualidades, todavia sempre procurando um distanciamento que permitisse certa imparcialidade na compreensão dos processos estudados. Tive a oportunidade de participar da vida do bairro Demétria, de observar de dentro como é a dinâmica nesse lugar e através do contato com as pessoas começar a formar uma imagem de como a vida é e acontece. Somando-se a isso, tive a chance de participar de grupos de facilitação e neles conhecer as diferentes histórias das pessoas que estão há anos, há décadas, vivendo e agindo no bairro.

Compreender a relação do Ser Humano com o cultivo da terra é compreender o tipo de sociedade e civilizações ele criou e como se dão as relações do homem com a natureza e com o próprio homem. As relações do Homem com o Campo, com o Cultivo, com a Economia Agrária e todas as consequências que essas relações, na maioria das vezes conflituosas, geraram ao longo da existência Humana são a base sobre a qual o desenvolvimento social se moldou. Tal argumento pode ser impulsionado no fato de que a alimentação é decisiva na existência humana. O mais importante é a respiração, por exemplo, o recorde mundial de apneia é de 24min e 03seg<sup>3</sup>; em segundo a Hidratação, sete dias sem se hidratar gera morte e em terceiro lugar a Alimentação, 45 dias sem comer, leva a morte. <sup>4</sup>

O foco deste estudo foi o bairro Demétria em Botucatu, São Paulo. Este lugar é especialmente rico para exemplificar todo um conjunto de ideias e de ações que foram construindo uma comunidade cercada e permeada pela agricultura e educação. Este lugar é o palco, os bastidores, o cenário, os atores, o roteiro de vidas e concretizações humanas.

---

<sup>3</sup>[http://www.guinnessworldrecords.com/world-records/longest-time-breath-held-voluntarily-\(male\)](http://www.guinnessworldrecords.com/world-records/longest-time-breath-held-voluntarily-(male)) em 15.11.2017 às 16:00.

<sup>4</sup><https://www.biologiatotal.com.br/blog/os+limites+do+corpo+humano-232.html> em 08.05.2015 às 16:08

Foi neste lugar que começou a primeira Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA) no Brasil, movimento que se espalha pelo Brasil e traz autonomia, independência e saúde para a terra e para as pessoas. Uma CSA muda a relação entre produtores e consumidores (agora, co-produtores) e através da economia solidária e participativa transforma as relações econômicas existentes.

Antes de tudo, este trabalho é um compartilhar de uma experiência pessoal e uma reflexão feita sobre a paisagem observada cotidianamente e os elementos que a compõe.

Este trabalho é também uma esperança de transmutação das relações entre o Ser Humano e Natureza. Que seja uma relação de respeito, aprendizado, troca e acima de tudo, uma relação de veneração.

## **Capítulo 1 - A importância fundamental da Agricultura na composição da sociedade moderna.**

Joseph Campbell dizia que as histórias antigas, ao permearem nossa mente, nos dão referência e perspectiva para o que está acontecendo no momento de nossas vidas.

Dizia ele, que é significativo notar como os mitos tem grande importância na construção e destruição de civilizações, na criação de religiões e na estruturação da atual configuração social. Os mitos têm a ver com os temas que sempre deram sustentação à vida humana, muitos desses mitos são histórias de sabedoria de vida e traduzem costumes (expressos e não expressos) da vida em sociedade e guias para o caminho humano na Terra.

Neste sentido, eu diria que o primeiro passo para estudar uma área que foi denominada de Demétria, devido ao mito de Demétria, seria compreender este mito. Como veremos, apenas pequenos elementos deste mito por si só já ilustram um caminho da humanidade e nos remetem à aspectos conhecidos de como enxergamos o mundo de hoje.

### **O Mito da Demétria<sup>5</sup>**

Para os antigos gregos, Demétria (ou Deméter) era uma das deusas mais importantes do Olimpo. Filha de Cronos (deus do tempo) e de Reia (deusa da fertilidade) e diferentemente de Gaia que cuidava da Terra (Planeta, embora esse conceito da Terra ainda não existisse naquela época), Demétria nutria as terras cultivadas, o solo, cuidava das plantações, das pragas, do clima. Sua importância era, portanto, essencial ao modo de vida daquela época. Vale à pena ressaltar o quão interessante é a “Agricultura” (Demétria) ser filha do Tempo (Cronos) e da Fertilidade (Reia), dois aspectos essenciais e fundamentais da agricultura.

Demétria teve um filho chamado Pluto, deus da riqueza e generosidade, e uma filha, Perséfone. Esta foi raptada por Hades, deus das profundezas, deixando a mãe desolada. Seu desolamento afetou as terras e a fome se espalhou pelo povo grego. Zeus, deus supremo do Olimpo, vendo o que isto causara aos homens, fez

---

<sup>5</sup> Compilação de diversas versões que ouvi

um acordo entre Hades e Demétria: Metade do ano Perséfone passaria com a mãe e a outra metade com seu, agora, marido. Quando a filha estava com Hades, a tristeza de Demétria causava o inverno, conforme ia chegando o tempo do reencontro, a primavera chegava e a alegria da reunião se espalhava no verão, mas o momento da despedida trazia consigo o outono e o ciclo se completava e reiniciava.

Segundo Brandão (p. 287), as mais antigas festas de Deméter são as Thesmophória (Tesmofórias) palavra que se compõe de *Thesmós*, “instituição sagrada, lei” e o verbo *phaérein*, “levar, produzir” e, em sentido figurado, “estatuir, estabelecer”. *Deméter thesmóphoros* é portanto “legisladora”, porque, tendo ensinado os homens a cultivar os campos, *institui* o casamento, fundando, assim, a sociedade civil.

Portanto, além de nutrir os campos, trazer as estações e proporcionar a continuação da existência através do cultivo da terra, Deméter é legisladora da sociedade civil. Em outras palavras ela é patrona da agricultura e da sociedade civil, portanto, ambos aspectos estão intrinsecamente ligados.

Podemos ainda dizer que o COMO (com que qualidade) se dá a ligação entre esses aspectos é o COMO (com que qualidade) nossa sociedade está configurada, como são suas características.

Como diz o provérbio: “O que você alimenta quando se alimenta?”

## **Capítulo 2 - O Bairro Demétria e os elementos que o compõe.**

Para falar sobre o Bairro Demétria precisamos levar em consideração alguns aspectos importantes. Em primeiro lugar, onde ele se localiza e quais as características desse lugar. A partir deste ponto, como ele se formou e quais fatores foram decisivos para sua configuração e como a paisagem mudou ao longo do tempo através do uso e ocupação do solo através de uma nova lógica.

### **2.1 - A região da Cuesta de Botucatu.**

Saindo da cidade de São Paulo, através da Rodovia Castelo Branco em direção ao interior do Estado de São Paulo, podemos observar o quanto a paisagem muda. Uma metrópole gigante, com prédios, ruas, poucas árvores, muitos carros, rios canalizados e outros com suas margens contidas pelo concreto, vai ficando para trás, aos poucos os mares de morro desaparecem dando lugar a outras paisagens. Seguindo pela Rodovia Castelo Branco, podemos observar pequenos morros isolados na paisagem, os morros testemunhos, e em breve a Rodovia sobe e sobe, estamos chegando na beirada da Cuesta.



**Imagem 1. Vista da beirada de Botucatu, na Cuesta . Foto de João Batista de Oliveira (Tita)**



A cidade de Botucatu se localiza em uma região que chamamos de Cuesta Basáltica, esta que se “estende de Minas Gerais até o Rio Grande do Sul. (...) e se localiza entre os rios Tietê e Paranapanema e apresenta os maiores e mais altos “paredões”, além de belíssimos morros testemunhos, como as Três Pedras, o Morro do Macaco Molhado, o Morro do Peru, a Torre de Pedra e outros” (Atlas da Cuesta, p.7)

Quando observamos uma paisagem e procuramos imaginar como ela se formou, raramente temos subsidio para imaginar processos que começaram há 300 milhões e anos, mas graças à um longo caminho feito pela ciência (e pela curiosidade), agora podemos imaginar esses processos e compreender que não existe somente o tempo humano, mas o tempo geológico também, e que certos processos da Terra são muito mais antigos, demorados e constantes do que nossa pequena existência pode supor.



**Imagem 2. Morro testemunho à esquerda e beirada da Cuesta à direita, vista das Três Pedras. Botucatu-SP**

Como bem ilustra o Atlas da Cuesta (2012: 8):

Trezentos milhões de anos atrás, os continentes estavam agrupados em uma grande massa continental, chamada Pangea (do grego *Pangaea* = toda a Terra). Nesse período, nossa região (*Botucatu*) estava coberta por um mar raso, ligado ao grande Pantalassa (do grego “todos os mares”). Os avanços e as regressões desse mar, por milhões de anos, deram origem a uma imensa bacia sedimentar, conhecida hoje



**Imagem 3. Vista para a beirada da Cuesta, a caminho das Três Pedras. Botucatu- SP. Foto: Stefanie Mattern**

como Bacia do Paraná. A região em que vivemos (*Botucatu*) localiza-se sobre a borda oeste dela.

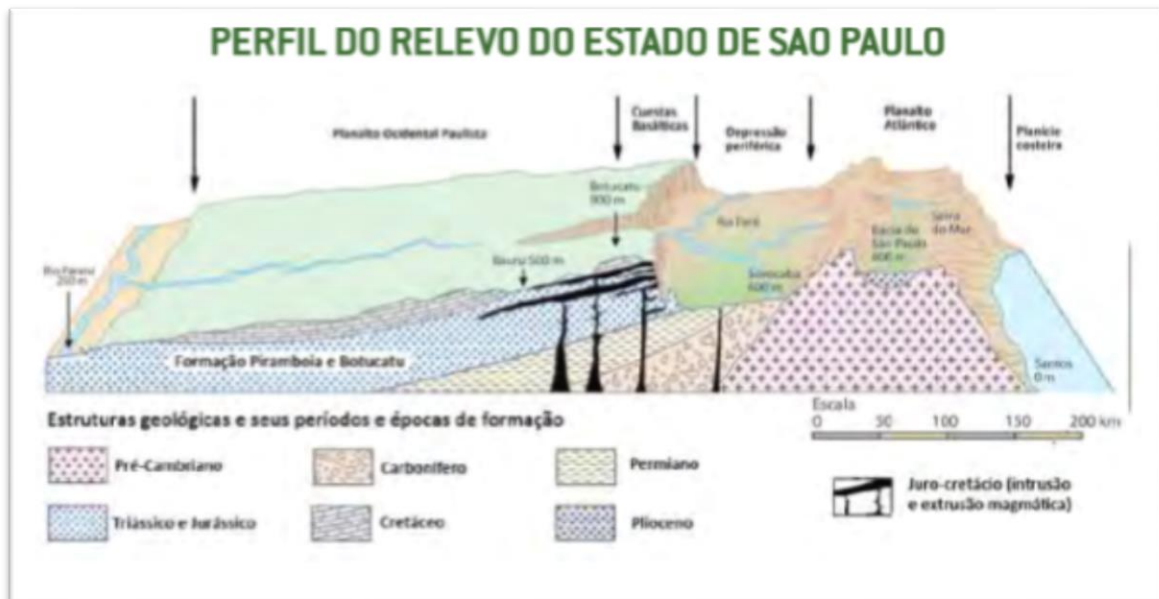
Há 200 milhões de anos, (aqui) existia uma paisagem de dunas formadas pelo vento. Havia também dunas úmidas, depositadas por meandros e lagoas. A deposição dessas dunas durou 40 a 50 milhões de anos, dando origem às rochas areníticas conhecidas como **Formação Piramboia**.

Depois, o clima foi ficando mais seco, e os riachos e lagoas desapareceram, mas os depósitos eólicos continuaram formando um enorme deserto, de 1 milhão de km<sup>2</sup>, em toda a extensão da Bacia do Paraná. Era o Deserto Botucatu, presente entre 160 e 130 milhões de anos atrás, no período que corresponde ao Jurássico. Os depósitos dessa espessa camada de areia deram origem às rochas areníticas conhecidas como **Formação Botucatu**.

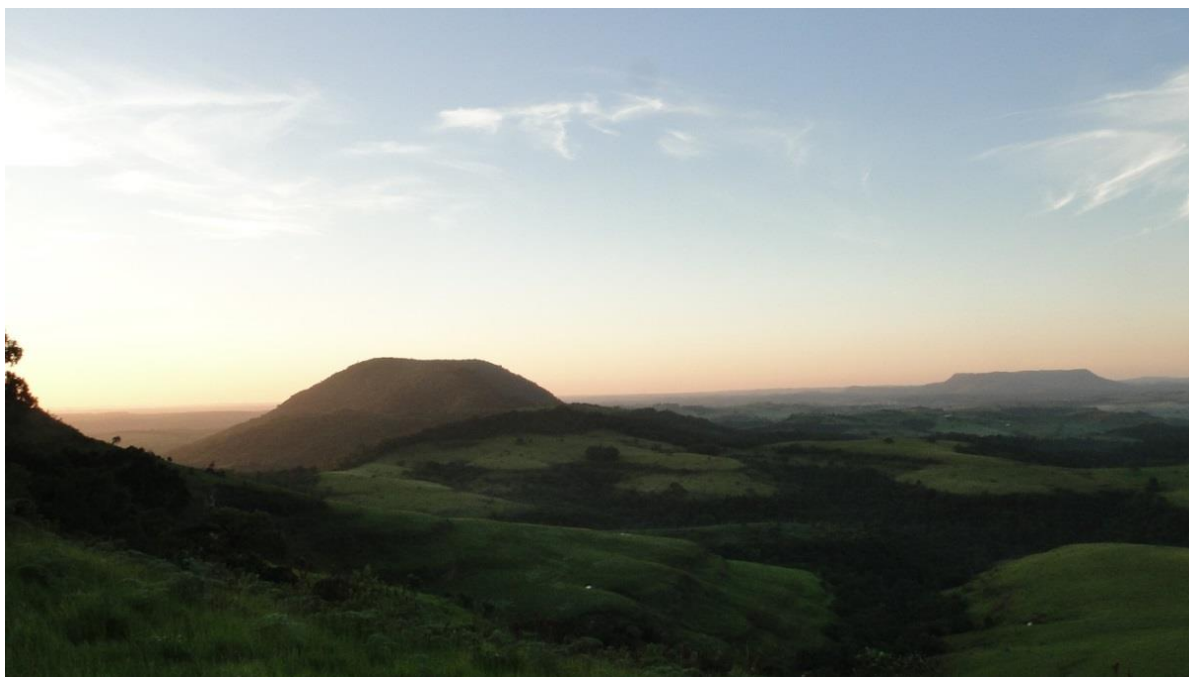
Enquanto isso, ainda no período Jurássico, iniciou-se uma grande mudança nas forças do interior do planeta, exercida pelas correntes de convecção do Manto e do Núcleo da Terra. Isso provocou o lento e gradativo deslizamento das placas tectônicas, iniciando o processo chamado deriva continental, que separou a América e a África. Esses continentes estavam ainda juntos, formando o grande Gondwana, e até hoje se afastam um do outro.

Todo esse movimento das placas tectônicas provocou o soerguimento de grande parte da Bacia do Paraná, a quebra dos blocos de rochas e o dobramento da borda do continente. Esse processo, que se iniciou em meados da Era Mesozoica e se estendeu até o final do Terciário da Era Cenozoica, provocou a formação da Cordilheira dos Andes, da Serra do Mar e da Mantiqueira.

Pelos milhões de anos seguintes, as rochas e depósitos de sedimentos ficaram expostos à ação constante do intemperismo e de outros agentes que provocam erosão, como ventos, chuvas, rios e geleiras, sendo aos poucos quebrados e desgastados. As rochas areníticas foram sendo erodidas e desgastadas com maior rapidez, dando origem à Depressão Periférica Paulista. As rochas magmáticas e aqueles arenitos que foram silicificados, sendo mais resistentes, ficaram expostos na paisagem formando um grande degrau chamado Cuesta.



Fonte: Atlas da Cuesta p. 9



**Imagem 4. Vista das Três Pedras. Morro testemunho. Foto: Stefanie Mattern**

Esta região da Cuesta de Botucatu tem uma característica singular, pois: “sob a região da Cuesta encontra-se o Aquífero Guarani, considerado a segunda maior reserva subterrânea de água do mundo, se estendendo por quatro países: Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai (...) A sua zona de afloramento (aproximadamente 10% de toda a sua extensão), onde se dão os processos de recarga e descarga, ocorre nos locais em que os arenitos estão na superfície, como é o caso da região (de Botucatu). Os outros 90% de seu território são recobertos por camadas basálticas, área chamada aquífero confinado” (Atlas da Cuesta, 2012:12).

Exatamente por ser uma das poucas zonas de recarga, é de suma importância o uso e manejo correto do solo.

Um documento sobre educação ambiental realizado pelo Governo do Estado de São Paulo, chamado “As águas subterrâneas do Estado de São Paulo” que faz uma análise dos aquíferos paulistas e dos processos de uso da água, diz o seguinte, na página 76, sobre a preservação das águas:

“Dentre as principais ameaças às águas subterrâneas destacam-se a exploração intensiva ou descontrolada de água e as fontes potenciais de poluição provenientes das atividades antrópicas. É também comum, a falta de cuidados na proteção dos poços, gerando riscos de contaminação das águas”

e continua na página 79:



“Entende-se por poluição do meio, a presença, o lançamento ou a liberação, nas águas, no ar ou no solo, de toda e qualquer forma de matéria ou energia, com intensidade, em quantidade ou com características em desacordo com padrões ambientais estabelecidos, ou que tornem ou possam tornar as águas, o ar ou solo: impróprios, nocivos ou ofensivos à saúde; inconvenientes ao bem-estar público; danosos aos materiais, à fauna e à flora; prejudiciais à segurança, ao uso e gozo da propriedade e às atividades normais da comunidade (lei Estadual nº 997, de 31/05/76). A poluição dos recursos hídricos subterrâneos ocorre, portanto, quando agentes contaminantes atingem o solo e nele percolam através da zona não saturada até atingir os aquíferos, ou quando são lançados diretamente nos aquíferos, por meio de poços.”

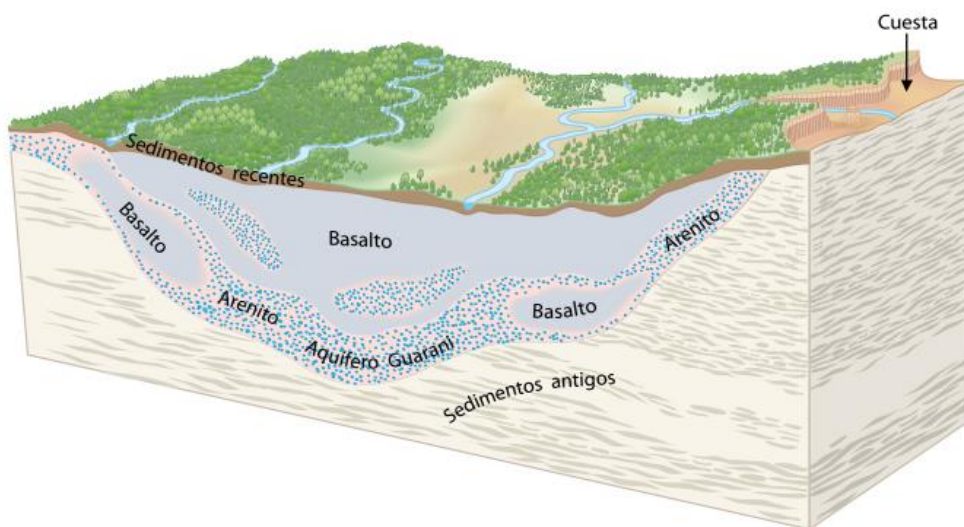
Dito isso, a questão latente na região de Botucatu que além de possuir diversas indústrias é a questão da agricultura (uso da água e solo).

A cidade é rodeada de algumas pequenas propriedades, mas as grandes fazendas que cultivam cana-de-açúcar, eucaliptos e milho principalmente, dominam a paisagem. São grandes propriedades que fazem o uso de agrotóxicos, pesticidas e herbicidas e como bem continua “As águas subterrâneas do Estado de São Paulo” na página 82-83:

“Na atividade rural, as principais fontes potenciais de poluição estão relacionadas ao armazenamento e à aplicação de fertilizantes e pesticidas (inseticidas, fungicidas e acaricidas) de forma e em quantidades inadequadas. O descarte incorreto de embalagens vazias de produtos tóxicos também é uma ameaça à água subterrânea.

Após a aplicação desses produtos na lavoura, o excedente é levado pela água da chuva ou da irrigação e infiltra no solo, carreando as substâncias tóxicas para a água subterrânea, como por exemplo, o nitrato. Alguns pesticidas (organofosfatados e carbamatos) se degradam rapidamente e não persistem no ambiente, mas podem ser altamente tóxicos em baixas concentrações. Outros, além de serem tóxicos, demoram muito tempo para degradar, como é o caso dos hidrocarbonetos clorados (DDT, aldrin, dieldrin, chlordane, heptachlor, endrin etc.); conseqüentemente, tiveram seu uso proibido. A pecuária intensiva também pode ser uma fonte potencial de poluição, quando os dejetos de animais são armazenados em tanques ou lagoas desprovidas de impermeabilização. Este efluente pode infiltrar pela base do tanque ou da lagoa e atingir o lençol freático, elevando, por exemplo, as concentrações de nitrogênio na água.”

## AQUÍFERO GUARANI NO PERFIL DA BACIA DO PARANÁ



Fonte: Atlas da Cuesta p. 13

Em resumo, também devido a sua configuração geológica, a preservação dessa região é essencial para o Aquífero Guarani. O incentivo da agricultura orgânica e de corredores ecológicos que preservem a fauna e flora podem ser de grande fomento para a preservação, não só das águas, mas também de toda a biodiversidade que pertence à região.

## **2.2 - Da Estância Demétria à formação do Bairro Demétria.**

“Claro, olhando de volta nos anos passados, parece que tudo estava escrita nas estrelas. Parece que era para ser assim mesmo. Na época a gente não sabia disso.....”  
Sra Ipê<sup>6</sup>

O seguinte capítulo é uma descrição e um relato baseado nas diversas histórias que ouvi durante 3 anos de vivência no Bairro Demétria. Algumas histórias foram me contadas diretamente, outras fazem parte do imaginário que acompanha os moradores. Parte importante do quadro geral que se forma no fim desse capítulo está relacionado com vivências, em grupo, realizadas com o intuito de criar diálogo entre os moradores, de fortalecer o laço da comunidade que gera esse bairro tão particular e que muitas vezes é visto e experienciado pelos moradores como uma comunidade e não um bairro.

Para compreender como a história será contada, precisamos ter a seguinte imagem como plano de fundo<sup>7</sup>:

Uma semente contém em si todo o potencial da planta que se tornará, seja ela uma couve, uma rosa ou uma mangueira. Essa semente é pequena e una, pois raízes, caule, folha, flores e frutos, todas as informações da planta, estão nessa totalidade indiferenciada. À medida que o tempo passa e ela tem as condições necessárias para se desenvolver, começa a haver uma diferenciação, ou seja, o que é raiz se torna raiz, o que folha se torna folha, o que é flor se torna flor e assim por diante, até que ela se transforma em uma planta madura e chega no ponto de gerar novas sementes que se espalham pelos ares, pelo solo, etc.

Agora ela é uma planta madura que espalha seus frutos e, sem embargo, começa um processo de decaimento, que cedo ou tarde ocorrerá, seja em meses, a exemplo de uma alface ou séculos, como as sequoias gigantes de mais de 3.000 anos. A cada momento em que ela passa por um período de metamorfose existe um processo de deixar para trás o que não cabe mais, de deixar de ser o que era e de permitir que algo totalmente novo

---

<sup>6</sup> As falas de Sra. Ipê foram concedidas através de entrevista.

<sup>7</sup> Imagem baseada em uma dinâmica do curso que Allan Kaplan proferiu de 29.04.2016 a 02.05.2016, no Bairro Demétria.

surja como, por exemplo, o botão de uma flor, ou uma flor que deixa de ser flor e dá espaço para o fruto.

Em resumo, existe então um começo (uno e indiferenciado) que ao longo do tempo amadurece, se diferencia, dá frutos e entra em processo de decaimento até que morre e, no ciclo da vida, dá espaço para algo novo.

Podemos dedicar muito espaço para a discussão dessa imagem em termos de aplicabilidade para compreender a sociedade, mas, para os devidos fins deste texto e para a compreensão do Bairro Demétria, essa imagem pode trazer elementos de amparo razoáveis.

O processo que gerou a ideia da criação desse bairro começa com a vivência de pessoas específicas, de suas experiências com agricultura biodinâmica na Europa, começa com a colaboração de empresas privadas que compartilhavam o mesmo ideal e de pessoas que estavam dispostas a mudar de São Paulo e fomentar o que surgia.

Hoje o Bairro é referência nos mais diversos assuntos, entre eles: Agricultura Biodinâmica, Pedagogia Waldorf, Economia Associativa, Tratamento de Lixo através do Projeto Fênix, Preservação ambiental, Educação ambiental, Comércio local, viver em comunidade.

No começo, esse lugar, hoje o Bairro Demétria, tinha fazendas de gado ou de pequenas plantações de monoculturas. Havia poucas árvores e nascentes que sofriam os danos do desmatamento. O solo era seco e arenoso, conforme já mencionado no capítulo 2.1. e, segundo relatos, parecia um grande deserto.

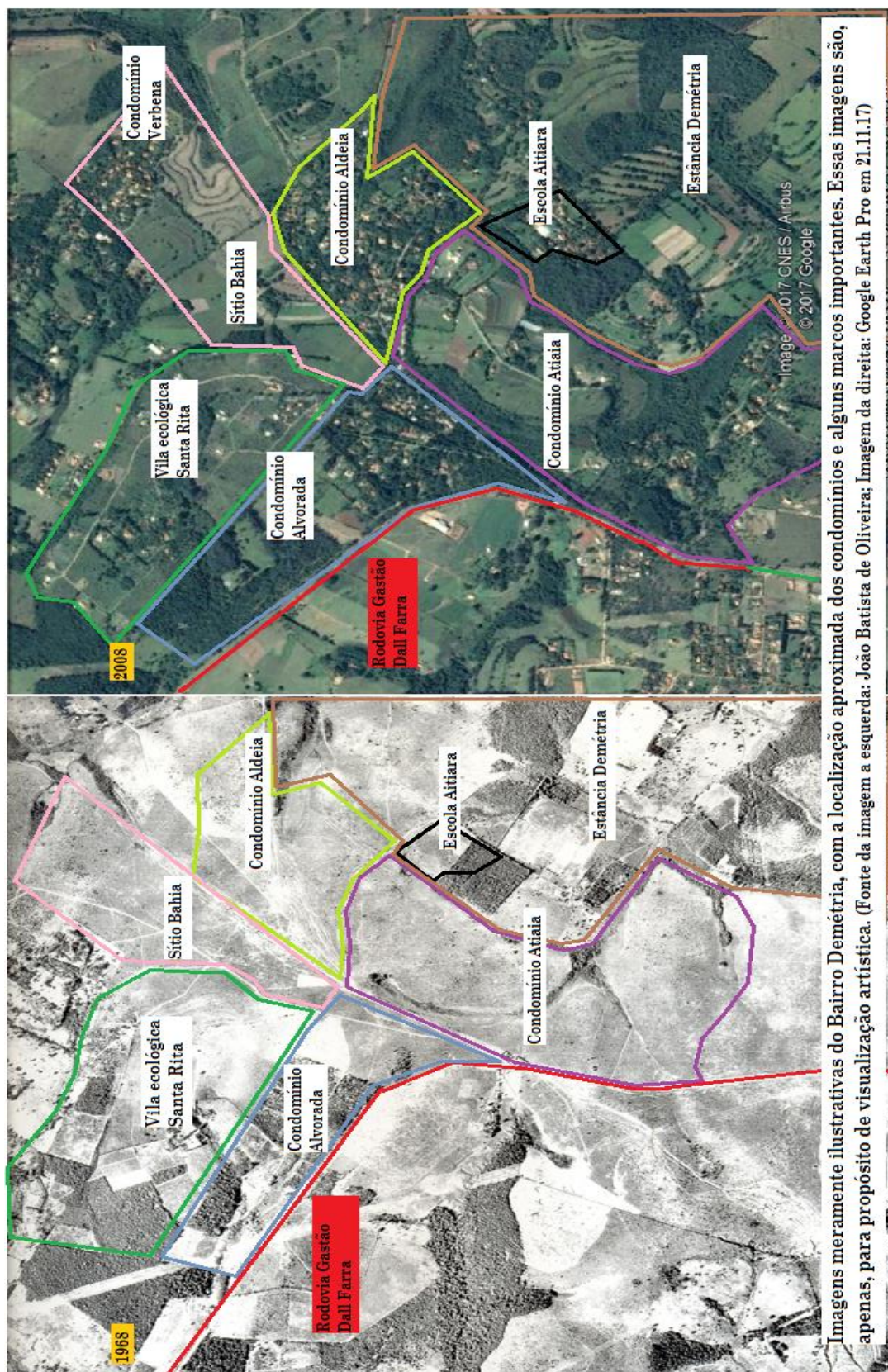
A figura a seguir é uma imagem aérea do Bairro Demétria em 1968. Nela podemos observar a grande quantidade de terra nu com algumas árvores (eucaliptos), os caminhos do gado.





Foto aérea do bairro Demétria em 1968. Acervo de João Batista





Imagens meramente ilustrativas do Bairro Demétria, com a localização aproximada dos condomínios e alguns marcos importantes. Essas imagens são, apenas, para propósito de visualização artística. (Fonte da imagem a esquerda: João Batista de Oliveira; Imagem da direita: Google Earth Pro em 21.11.17)

O Bairro Demétria tem pequenos núcleos com perfis específicos, poderia subdividi-lo da seguinte maneira:

1. Estância Demétria, fazenda onde tudo começou.
2. Sítio Bahia.
3. Iniciativas derivadas da Estância Demétria: ABD, Escola Aitiara, Instituto Elo, ONG Nascentes, Comunidade dos Cristãos, Ramo.
4. Condomínios: Atiaia, Aldeia, Verbena, Tarumã, Alvorada.
5. Estabelecimentos comerciais: Pizza Bel, Restaurante Celeiro, Restaurante Cantinho da Viola, Restaurante Jardim, e inúmeros ateliês (marcenarias, artes plásticas, etc)

Para ilustrar a origem do Bairro Demétria e de suas iniciativas, segue um relato, um recorte da vida do Sr. Carvalho<sup>8</sup>, que junto com mais alguns jovens, veio para Botucatu e começou a Estância Demétria. Com o passar dos anos outros sítios vizinhos foram incorporados à ideia e a região se tornou um bairro com diversas iniciativas Antroposóficas: o Bairro Demétria.

Segundo Bombardi (2004:122), “os depoimentos dos sujeitos, o resgate de suas memórias, são instrumentos valiosos no entendimento de como se constitui uma unidade territorial. Assim importa saber qual era a expectativa dessas pessoas (...)”. Porém, devo lembrar que essa história teve diversos protagonistas e que cada um tem uma importante colaboração para que o “quadro”, a paisagem, possa ser retratado com mais precisão, mas, para fins deste trabalho, um panorama geral, com algumas histórias, é suficiente, pois não há pretensão de fazer um levantamento histórico com todos os envolvidos.

Como fio condutor principal, segue a história contada por Sr. Carvalho <sup>9</sup> (*em itálico*) com informações adicionais colhidas em pequenas conversas com moradores e outras fontes.

---

<sup>8</sup> Os nomes das personagens dessa história foram alterados para preservar os entrevistados.

<sup>9</sup> O que diz respeito à história de Sr. Carvalho foi narrado por ele através de uma entrevista e se encontra em itálico neste capítulo.

### 2.2.1 - A Estância Demétria – O começo-semente.

*Devido a uma busca interna de estudar em uma escola agrícola na Holanda, Sr. Carvalho partiu, trabalhando em um navio cargueiro, nos no final dos anos 1960 do Brasil rumo à Europa. Seu amigo da Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo, Sr. Cedro que o havia incentivado a ir, também estava lá.*

*Na Holanda, devido ao Sr. Cedro, entrou em contato com uma comunidade Camphill, uma “iniciativa por transformações sociais baseada nos princípios da Antroposofia. Comunidade Camphill são comunidades residenciais e escolas que oferecem auxílio para educação, trabalho e na vida diária de adultos e crianças com dificuldades de desenvolvimentos, questões de saúde mental e outras necessidades especiais.”<sup>10</sup> Neste lugar, se encantou e percebeu que aquilo era uma solução não de trabalho, mas de mundo devido à visão cultural-social e, por conseguinte, entrou no seminário de formação pedagógica Camphill saindo da escola agrícola. Neste Camphill, junto com um pequeno grupo, tomaram uma grande decisão: iniciar algo semelhante no Brasil, algo que envolvesse a agricultura Biodinâmica e um projeto social.*

*Com o passar do tempo, surgiu a oportunidade de se tornar administrador de uma fazenda biodinâmica em um Instituto Camphill na Inglaterra, abraçando a oportunidade Sr. Carvalho foi para lá. O grupo formado na Holanda combinou de se encontrar na Escócia e fazer um curso de formação pedagógica, onde se juntou com mais pessoas (foi lá que Sr. Carvalho conheceu sua futura esposa, Srta. Bordo) e, semanalmente, se encontravam para discutir esse eventual futuro do grupo.*

*Paralelamente, Sr. Cedro havia voltado ao Brasil e expressou o sonho do grupo para os fundadores da empresa GIROFLEX e da ABT (Associação Beneficente Tobias): Sr. Nogueira e Sr. Laranjeira. Sr. Nogueira primeiramente assumiu o impulso e posteriormente Sr. Laranjeira o assumiu com o auxílio de sua esposa Gudrun Burkhard (médica antroposófica, escritora, biógrafa e grande expoente no Brasil no que diz respeito à processos terapêuticos). Foram, então, procurar terras para a fundação desta*

---

<sup>10</sup> Fonte: Tradução livre de Wikipedia. Em 26.01.2017 . Atualmente existem mais de 100 Comunidade Camphill em 20 países.



*fazenda Biodinâmica e as encontraram nos arredores da cidade de Botucatu, no interior paulista.*



**Imagem 5. Vista da Estância Demétria. Por volta de 1970. Foto: Fabio De Bona**

Trecho do texto: *Como surgiu a Agricultura Biodinâmica no Brasil* de Sr. Laranjeira <sup>11</sup>

(...) Em 1973, o meu irmão Sr. *Nogueira* contou-me da volta do jovem Sr. Cedro da Europa, e que eles estavam procurando uma chácara para fazer uma horta biodinâmica.

Naquela época, estávamos planejando transferir a Giroflex para o interior e a região pesquisada para esta finalidade era Botucatu. (A crise do petróleo em 74 deu por finalizado este sonho e a Giroflex ficou em São Paulo.)

Surgiu então a ideia: por que não comprar uma fazenda próxima à futura fábrica para estimular uma colaboração mútua com a agricultura? Pedimos ao Sr. Cedro que procurasse uma terra para este experimento.

Não me lembro quantas propriedades visitamos antes da fazenda “Tranca de Ferro”... O Sr. Cedro mostrou-nos esta propriedade, da qual logo

---

<sup>11</sup> <http://biodinamica.org.br/pdf/Como%20surgiu%20a%20Agricultura%20Biodinamica%20no%20Brasil.pdf>, em 15.07.16 às 16:00.

gostamos, comendo saborosas jabuticabas e ouvindo sobre a qualidade da terra; chegamos à conclusão de que deveríamos comprar esta fazenda, que o Sr. Cedro depois batizou de “Estância Demétria”.

Aí descobrimos que a pergunta central não era a compra em si, mas sim em que nome deveria ser feita e que deveríamos tomar cuidado para que mais uma experiência biodinâmica não desaparecesse antes de se tornar um movimento amplamente difundido. Por isso, se comprássemos em nosso nome, ela se tornaria propriedade particular, com o perigo de que familiares que não tivessem ligação com a agricultura, comessem a especular com a terra, vendendo gado etc. Além disso, quem iria fazer o sacrifício necessário para desenvolver o experimento biodinâmico... na fazenda dos Schmidt?!

Percebemos que esta terra deveria ser neutralizada, tirando-a da propriedade individual, doando-a a uma associação filantrópica, como aliás já havíamos feito em 1969, com a propriedade da recém construída Clínica Tobias - cuja tarefa era ser o berço da Medicina Antroposófica no Brasil. A Clínica Tobias foi doada à associação de mesmo nome, fundada nessa ocasião para essa finalidade.

Quatro anos depois, a tarefa da fazenda que pretendíamos comprar seria servir de base para o desenvolvimento da agricultura biodinâmica. Entretanto, Melanie, minha mãe, que em 1936 começou aquela horta acima do rio Reno utilizando preparados biodinâmicos, faleceu em 1973 no Brasil. Foi com a sua herança que compramos o que é hoje a Estância Demétria, e, de certa maneira, aquele seu impulso biodinâmico há tantos anos atrás está materializado nessas terras.

Além da experiência biodinâmica, um outro grande desejo nosso era garantir que esta terra nunca mais se tornasse objeto de negócio. Com a neutralização, o futuro deveria mostrar se, além do experimento da agricultura, surgiriam outros campos culturais complementares, como assim imaginava o professor inglês Francis Edmunds. Edmunds baseava a sua imagem nas palavras que Rudolf Steiner, já nos anos 20 (portanto, antes mesmo do curso agrícola), proferira acerca da necessidade de formar comunidades ou ilhas culturais no campo, para fazer frente à decadência social que viria. (Hoje, a situação de São Paulo mostra como esta preocupação de mais de 80 anos estava certa.)

Um ano após a essa compra, o Sr. Cedro chamou a nossa atenção para o fato de que o vizinho, que eram três irmãos, queria vender uma

fazenda; se por acaso a venda fosse efetuada e o comprador trabalhasse com agrotóxicos, usando a mesma água, isso poderia pôr em risco a experiência biodinâmica. Assim, resolvemos comprar a segunda gleba em nome da Associação Tobias, que hoje pertence à Estância Demétria.

Foram em especial dois jovens casais que possibilitaram que os sonhos de 1974 se tornassem realidade: Sr. Carvalho, Srta. Bordo, Sra Ipê e Sr. Paineira; com o tempo, muitos outros se juntaram a este trabalho pioneiro. Foram anos de trabalho árduo, com muitas decepções mas também com muitas alegrias.

Com o decorrer dos anos, surgiram plantações extensas de hortaliças e plantas medicinais livres de agrotóxicos, além de laticínios. Foram iniciados uma escola e um lar para crianças, condomínios residenciais e dezenas de milhares de árvores foram plantadas, entre outras inovações.

Além das pessoas envolvidas no trabalho no campo, havia um grupo de colaboradores, entre eles Humberto Loewens e os irmãos Schmidt, que, da cidade, ajudavam com conselhos e dinheiro nesta tarefa complexa.

Com o passar do tempo, e através de experiências e muitas reuniões, surgiu uma responsabilidade nova, não baseada no egoísmo, mas uma responsabilidade cívica. Uma criatividade múltipla se fez presente, pelo fato da maioria das instituições não pertencer a um dono, mas a um grupo de pessoas unidas.

Nesta nova fase devem ser mencionados muitos nomes; entre eles, em especial o casal Sr. Pinheiro e Sra. Macieira.

Surgiram iniciativas novas que com o tempo se complementaram. Ao lado da Fazenda e das atividades ligadas a ela, por exemplo, apareceu por necessidade uma escola, hoje também procurada por famílias da cidade, uma oficina de artes, uma casa de cursos, dois restaurantes e pousadas, uma igreja, um consultório médico, uma padaria e uma loja de produtos biodinâmicos e orgânicos onde o cliente se serve, é responsável pelo pagamento e retira o próprio troco<sup>12</sup>. Há um centro de formação, pesquisa e consultoria em Biodinâmica e uma feira semanal orgânica.

---

<sup>12</sup> As informações referentes aos estabelecimentos e iniciativas estão desatualizadas. Muito mudou desde a época em que esse texto foi escrito.

Assim se formou uma comunidade de ajuda mútua e cultural, como na imagem do Prof. Edmunds. Surgiu uma Comunidade Demétria com uma real responsabilidade ecológica – impregnada de tolerância e de uma atmosfera fraternal. (...).

Continua Sr. Carvalho:

*Em 1974, o grupo formado na Escócia veio ao Brasil e começou o trabalho nesta recém-inaugurada fazenda, a Estância Demétria. Eram estes Sr. Carvalho, Srta. Bordo, Sra Ipê e Sr. Paineira, Sr. Cedro, entre outros. Depois de alguns meses Sr. Cedro deixou a iniciativa, foi estudar economia, porém voltou depois com um impulso particular de centralizar o impulso Biodinâmico no Brasil com pesquisas, cursos, etc, e isto gerou a semente para a ABD, o IBD e a Casa Somé (Instituto Elo).*

Trecho do depoimento da Sra. Ipê:

“O início foi muito difícil, mas éramos jovens e cheio de boa vontade com um ideal forte para realizar. A fazenda era um deserto, só tinha a casa grande e o estábulo. Pouquíssimas árvores e sem infra estrutura. Sr. Laranjeira e a Gudrun ajudaram bastante no início, financeiramente e apoio moral. A primeira geada em julho de 1975, tudo queimou do frio e ficou marrom. Café, mangueiras, grama, bananeiras, tudo seco e horrível. Eu pensei, “se é todo ano assim, vou me embora” que tristeza. Vinda de uma vida cultural de trabalho e estudo muito rica no Camphill os primeiros anos na Demétria era de um deserto também, como ao nosso redor. Mas aonde a um querer há um caminho. Começamos a plantar milhares de árvores, estruturar a vida, dividir as tarefas e tentar ter uma vida cultural também. Lendo livros do Steiner, ter uma roda de manhã antes de começar o trabalho para ler um verso, tocar música. Sr. Carvalho no violão cello, Sra. Bordo no piano, Sr. Palmeira na flauta e eu violino. Casamento do Sr. Carvalho e da Sra. Bordo em Julho de 1975, numa igreja de bambu, feito por nós no campo serrado, com janelas de papel de seda. Sr. Palmeira chegando em Dezembro de 1975, logo nos noivamos em maio de 1976. Eu tive que voltar para Holanda porque não recebi a permanência. Em 6 meses o Sr. Pinheiro ganhou a permanência. Eu voltei da Holanda e casamos em março de 1977 no silo recém construído. Panos azuis, bananeiras na entrada, e bancos de madeira. Uma igreja perfeita



inventada na fazenda, onde o pastor Friedhelm Zimpel de São Paulo nos casou. Com todas as dificuldades que enfrentamos sentimos nos unidos num ideal, que era realizar e praticar fazer o bem na terra e para o ser humano. Os anos anteriores no Camphill nos deram a força e conteúdo de uma comunidade para continuar a manter a bandeira no alto. Claro, que todo este trabalho realizamos com o esforço de milhares de pessoas de todos os lados do mundo.”



Imagem 6. Estância Demétria (Década 1970) Foto: Fabio De Bona

Continua contando o Sr. Carvalho,

*Quando esse grupo da Escócia veio para a Demétria, tinha muito claro que o alicerce seria a agricultura biodinâmica, o meio ambiente, a conservação, o reflorestamento e, entre outros, uma atividade social não necessariamente relacionada com o trabalho com excepcionais. Segundo Sr. Carvalho, os excepcionais eram muito mais integrados na sociedade brasileira do que eram na Europa, as questões sociais brasileiras eram outras: a pobreza, a falta de escola, crianças sem pais e assim por diante.*



**Imagem 7. Foto aérea da Estância Demétria (Década 1970. Foto: Fabio De Bona)**

## 2.2.2 - Da semente, a planta e os primeiros frutos.

### **Sr. Carvalho conta sobre a Aitiara Escola Waldorf: “Escola do Campo” e o Morro Pitanga:**

*Sr. Carvalho e Sra. Bordo tiveram filhos e com isso surgiu a necessidade de achar uma escola para as crianças. Junto com Sr. Palmeira que também havia se tornado pai, Sra. Bordo fundou, em 1984, a escola Aitira, cujo principal objetivo era acolher as crianças de todos os que estavam envolvidos na Estância Demétria, dando iniciativa à esse impulso social almejado inicialmente. Aitiara significa “ninho de Luz” em Tupi. No começo era uma pequena sala, com poucos alunos, e atualmente é uma das iniciativas mais importantes e um polo de atração de novos moradores no Bairro Demétria.*

*Sra. Ipê começou um trabalho com crianças órfãs, sendo auxiliada pelo casal Sra. Rosa e Sr. Jacarandá, criando, assim, o orfanato Morro Pitanga*



**Imagem 8. Construção do Lar Morro Pitanga. Foto: Fabio de Bona**





**Imagem 9. Antigo Lar (Prédio em destaque). Atual Casa Som em Pé**

Sr. Carvalho continua a relatar sua história:

*Neste meio tempo a Estância Demétria crescia e chegou a ter 120 funcionários registrados. No começo a ABT ajudou muito financeiramente, mas com o tempo a Estância virou algo independente, algo com um impulso social e sem o intuito de ganhar dinheiro, de se tornar um negócio. Todos os recursos ganhos eram reinvestidos na construção de casas e para auxiliar a escola da Estância Demétria.*

*O grupo inicial queria que toda iniciativa que surgisse se tornasse uma pessoa jurídica independente, porém a ABT queria o contrário: que tudo pertencesse à ABT. E justamente este querer da ABT fez com que o grupo insistisse para que tudo se tornasse independente, conseguindo criar algumas Associações como a Escola Aitira e Morro Pitanga, mas não houve doação completa das terras naquela época.*

Esta posse das terras é grande parte dos problemas que o Bairro enfrenta hoje, porém como o foco deste trabalho não é a questão da posse da terra, não aprofundarei este assunto, todavia o retomarei mais para frente.

*Após 5 anos o projeto da Estância Demétria começou a criar corpo, a ter o caminhão e tratores, sendo que nesta época 60% dos investimentos eram da ABT e os outros 40% eram os resultados do trabalho do grupo. Também nesta época, só existia uma casa grande (na verdade era uma*

*casinha pequena) e o estábulo e uma tuia. Tudo o que existia naquela época não era nem pasto, era barba de bode e durante 40 anos muito foi transformado.*

*Nesta época um consultor H. Kettinger fez um projeto junto à Estância Demétria auxiliando enormemente a reforçar o impulso forte que veio no início e a trazer mais consciência para os, então, sonhadores jovens e tendo como consequência a ida de alguém da Estância para a diretoria da ABT, reforçando o vínculo entre ABT e Estância Demétria. Neste trabalho com Kettinger foi trabalhado o sonho: o que o bairro deveria se tornar; e agora décadas mais tarde, conta Sr. Carvalho, o que foi escrito foi o que aconteceu. O que foi escrito, materializado através de palavras, aconteceu e trouxe um foco para o grupo.*

*A primeira atividade comercial da Estância Demétria foi abastecer a geladeira da Comunidade de Cristãos de São Paulo, leite era mandado para o laticínio da região e café também era comercializado. As atividades foram crescendo, os Srs. Figueira criaram a primeira loja em São Paulo, chamada Natura. Segundo Sr. Carvalho, grandes clientes da Natura foram os criadores da Natura, grande empresa de cosméticos brasileira. Esta loja resistiu pouco, mas outros lugares começaram a surgir. Concomitantemente, lá na Estância Demétria se vivia com o que era produzido.*



**Imagem 10. Estância Demétria. Mudas. Foto: Fabio De Bona**

### 2.2.3 - Surgem os condomínios.

Sr Carvalho continua:

*No final dos anos 1970 toda a vizinhança foi comprada por um japonês chamado Sr. Sushi, ele havia ficado milionário com a produção de batatas e comprou várias terras ao redor da Estância Demétria. Mas Sr. Sushi havia financiado grande parte das terras, pois o governo estava incentivando esse tipo de ação. As poucas árvores que haviam nas terras foram derrubadas, toda a cobertura vegetal foi arrancada com enormes máquinas e jogada no riozinho que alimentava a Estância Demétria, somando-se a isto o DDT (inseticida) era usado sem cuidado nenhum, as embalagens destes eram lavadas no rio, o que matava todos os lambaris e outros animais que moravam lá. Nestas terras ele plantou soja e trigo, mas de maneira convencional e sua metodologia gerou a falência.*

*Nesta época, o grupo estava pensando em sair das terras, as águas estavam contaminadas e a produção prejudicada pela fazenda de Sr. Sushi ao lado, foram então fazer uma palestra na Escola Waldorf Rudolf Steiner de São Paulo despertando o grande apoio de Sr. Abacateiro, pai de Sr. Carvalho. Sr. Abacateiro foi pessoalmente procurar pessoas que pudessem auxiliar nesta questão, uma desta foi o então diretor da Escola R. Steiner, Sr. Aroeira, um homem idealista que queria achar soluções jurídicas para este tipo de situação. Ele os ajudou a conceber a ideia de realizar uma compra coletiva e foram à procura de pais da escola que quisessem entrar neste projeto. Compraram a fazenda e dividiram as terras entre os compradores, automaticamente se formou um condomínio: o condomínio Atiaia. Sr. Jacarandá fez a agrimensura do condomínio e teve um grande projeto de reflorestamento da região e projeto de restauro das nascentes.*

*Foi esse impulso que fez com que a Estância continuasse funcionando, as nascentes foram protegidas e a água voltou a ser limpa e própria para as plantações. Todos que entraram neste projeto queriam que a Estância continuasse e não entraram por questões comerciais na compra das terras. Aos poucos estes proprietários começaram a construir casas para passar o final de semana e se conectaram com a região. Outras famílias de São Paulo gostaram da ideia e também queriam fazer parte, foi então que surgiu a ideia de comprar uma outra fazenda ao lado, esta tinha também uma nascente e plantação de eucaliptos.*



**Imagem 11** Vista aérea do Condomínio Atiaia (Década de 1970). Foto: Fabio De Bona





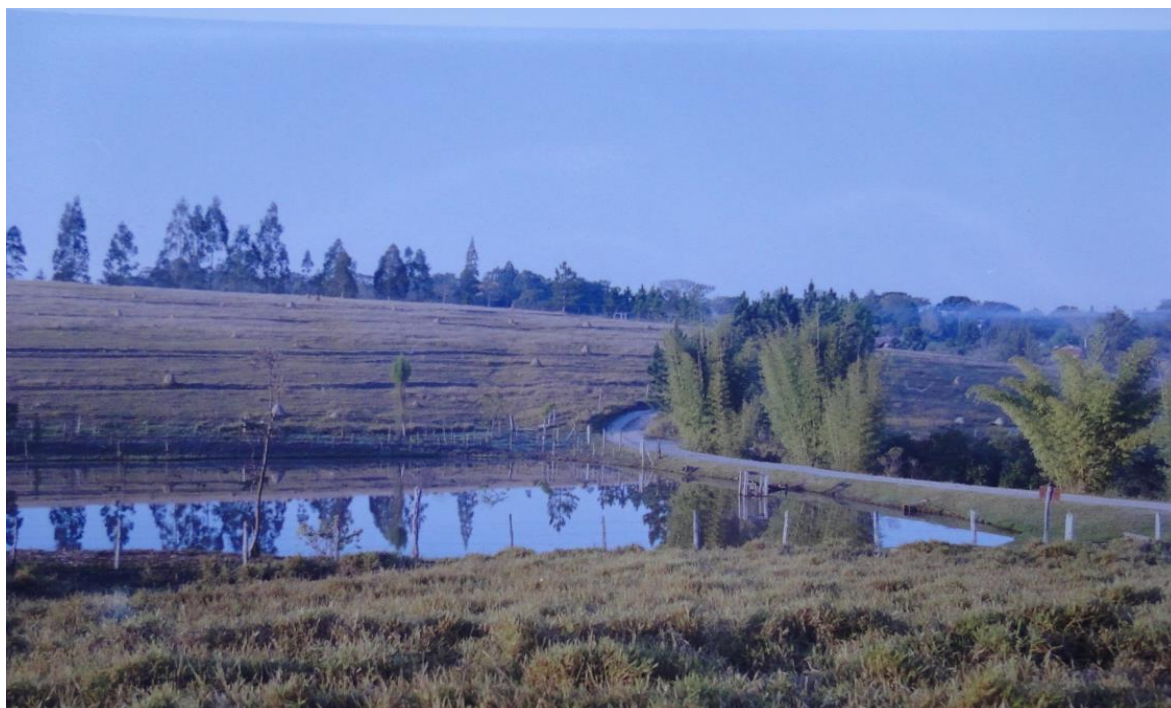
**Imagem 12. Plantio da primeira árvore no Condomínio Atiaia. Foto: Fabio De Bona**



**Imagem 13. Condomínio Atiaia. Foto: Fabio De Bona (Década 1970)**



**Imagem 14. Dique para o Lago do Atiaia. Foto: Fabio De Bona**



**Imagem 15. Lago Atiaia. Foto: Fabio De Bona (década 1970)**

Lago concluído, dique fechado.





**Imagem 16. Lago do Atiaia. Foto: Stefanie Mattern (2017)**



**Imagem 17. Condomínio Atiaia. Sem casas. Foto: Fabio De Bona**



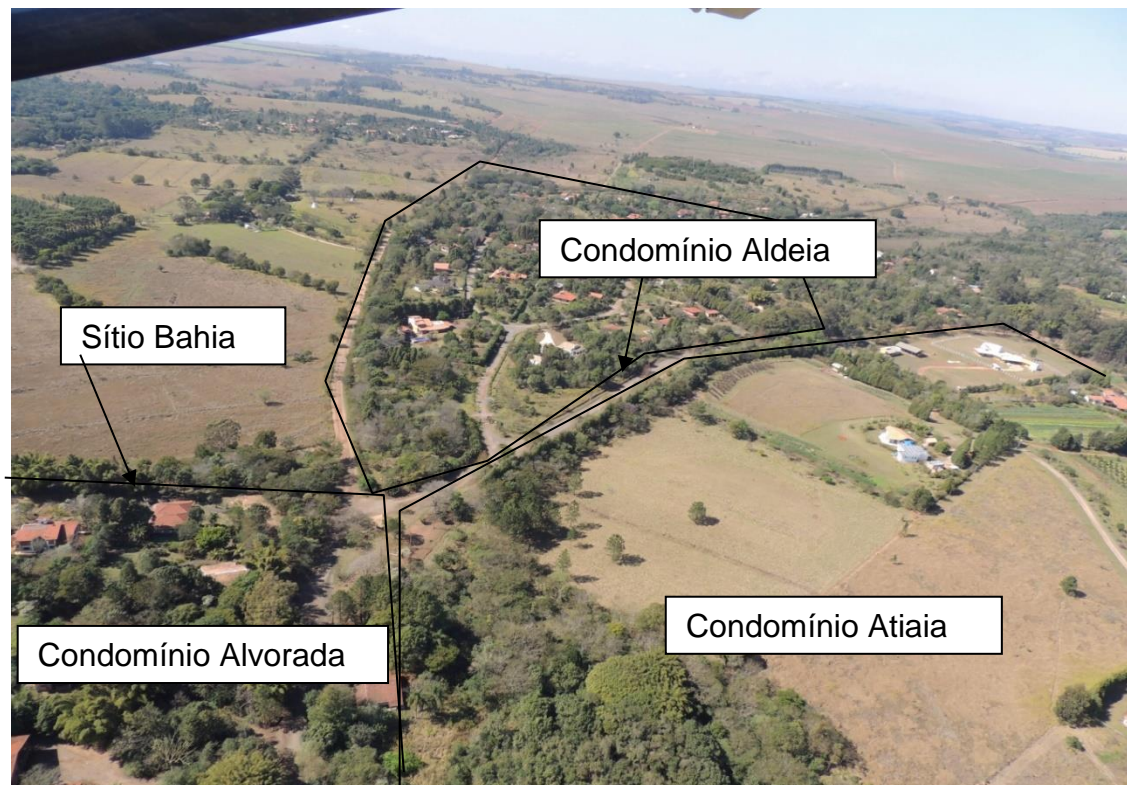
**Imagem 18. Condomínio Atiaia. Agrimensura e divisão dos Lotes, Foto: Fabio De Bona**



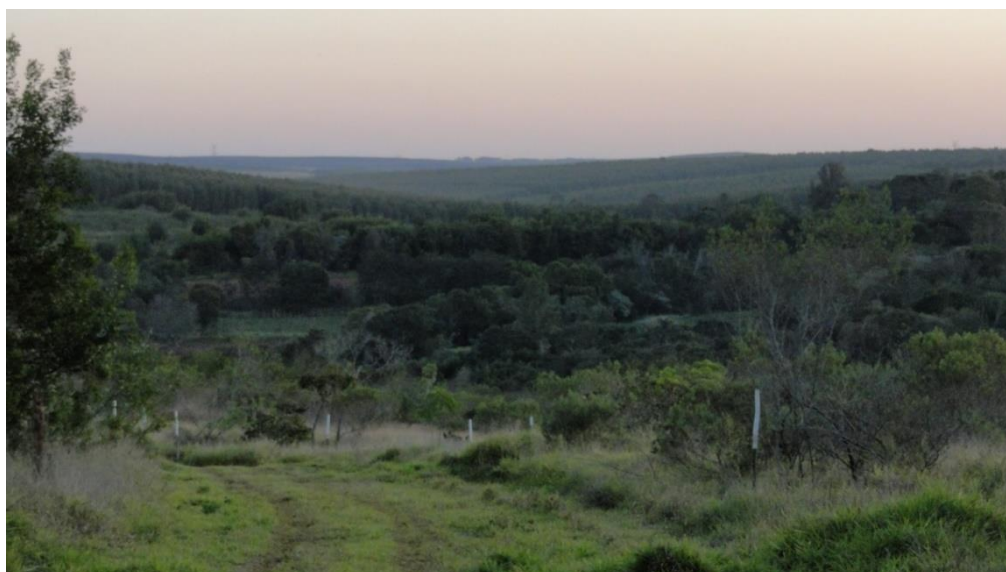
**Imagem19. Imagem aérea da Lagoa do Atiaia (a direita), a área verde faz parte da área de preservação da nascente (floresta do Seu Blaich) e à esquerda localiza-se parte da Estância Demétria.**



*Todavia, se o Atiaia surgiu com o intuito de preservar as nascentes e as terras, este novo condomínio tinha por parte de alguns o objetivo de ser um investimento ou um lugar de passar o final de semana. Surgiu o condomínio Aldeia*



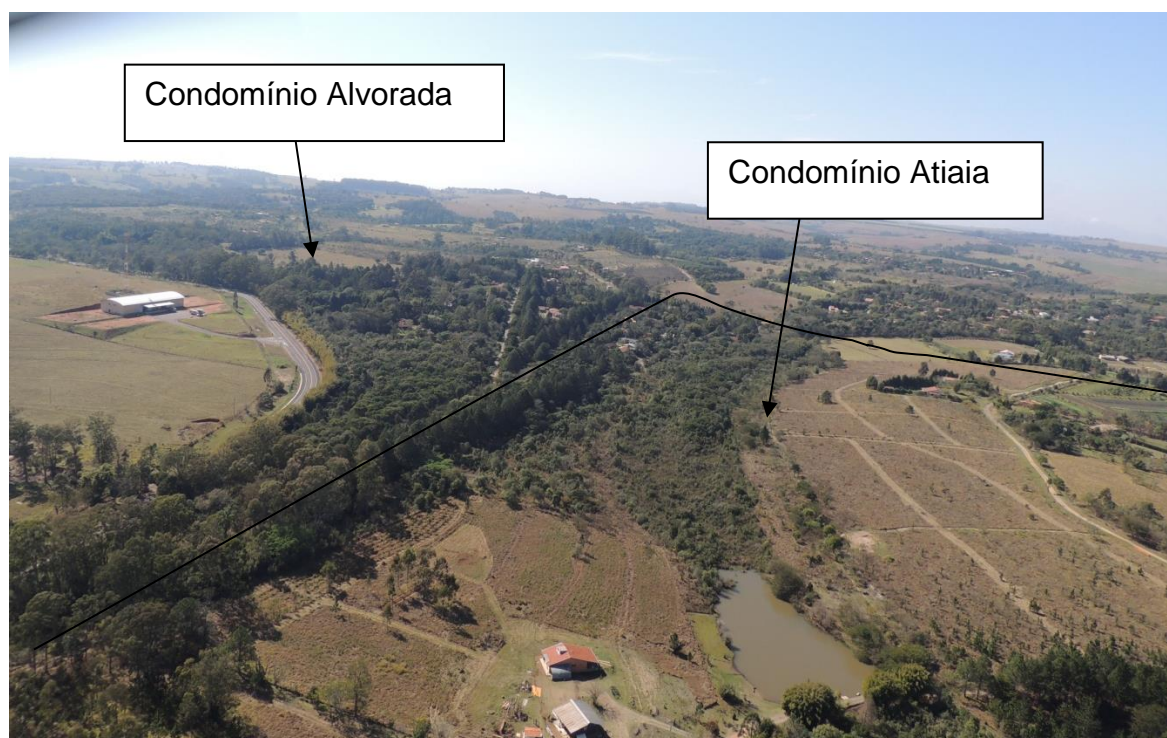
**Imagem 20. Condomínio Aldeia. Foto: João Batista de Oliveira (2006)**



**Imagem 21. Vista da aérea Agrícola do Aldeia. No fundo a plantação de cana-de-açúcar e de eucaliptos. Contrastes. Foto: Stefanie Mattern**

Continua Sr.Carvalho

*Agora existia a Estância Demétria (Fazenda) e os condomínios ao redor, formando o Bairro Demétria. Logo após surgiu o Condomínio Alvorada já com a intenção de fazer o então surgido Bairro Demétria crescer. Particularmente Sr. Carvalho começou o processo de negociação com o dono da propriedade do, agora, condomínio Alvorada, pois como havia participado dos processos de compra do Aldeia e Atiaia sabia que haviam muitos interessados. O antigo proprietário das terras, Sr. Canela, loteou a área e tentava vender para pessoas da cidade de Botucatu, mas sem sucesso. Sr. Carvalho percebeu que não queria fazer isso de forma particular e entrou em contato com o Sr. Castanheiro e Sr. Palmeira que administravam juridicamente a Estância Demétria. Decidiram que o lucro recebido pelas vendas dos lotes seria investido para a criação de uma empresa de mel separada da Estância Demétria, pois haviam bons apicultores na região e havia uma demanda de São Paulo por mel de qualidade. Foi um negócio de alto risco, mas deu certo.*



**Imagem 22. Vista aérea da Rodovia Gastão Dall Farra, o condomínio Alvorada no fundo e, na frente, à direita, o Condomínio Atiaia- lagoa como referência. Foto: João Batista de Oliveira (2007)**

*Nesta época, todo o esforço era dedicado à Estância Demétria, mas devido à relação incerta das terras por parte do controle exercido pela ABT,*

*que queria centralizar tudo nela e apesar de darem “a alma e sangue” pela Estância Demétria tinham um sentimento que iam ter que sair com uma mão na frente e outra atrás. A maioria já tinha filhos e se preocupavam com as incertezas deste futuro.*

#### **2.2.4 -O Sítio Bahia**

*Outro impulso que ocorreu foi o Sítio Bahia. Tudo começou com um casal formado na igreja Católica, ele teólogo e ela carregando um impulso social muito forte de ajudar os pobres havia trabalho em Alagoinhas e realizado um projeto muito forte lá. A gravidez dela levou-a à Clínica Tobias em São Paulo e lá encontrou Sra. Bordo, ficaram amigos, quando conheceram o Bairro Demétria se encantaram e acharam que tinham achado seu ideal.*

*As terras que hoje são o Sítio Bahia eram de um milionário de São Paulo que queria fazer um investimento, comprar terras, fazer um sítio com tudo novo: casas estábulos, vacas, tratores, equipamentos; e vender para ganhar dinheiro. O Casal viu esta pérola e decidiram as terras, criando assim o Sítio Bahia.*

*O bebe do casal nasceu com uma grave doença e isso os levou de volta para a Alemanha, sua terra natal, para que a criança tivesse os melhores cuidados possíveis. Sr. Carvalho e Sr. Cedro criaram a Associação Cambará para viabilizar a compra das terras. Esse Sítio Bahia foi comprado e parte dele se tornou outro condomínio, o Condomínio Verbena. Com o intuito de se focar na Estância Demétria, Sr. Carvalho procurou outro agricultor que pudesse tocar o Sítio Bahia, em um encontro de agricultores biodinâmicos em Minas Gerais, encontrou Sr. Pinheiro que até hoje cuida do Sítio Bahia.*

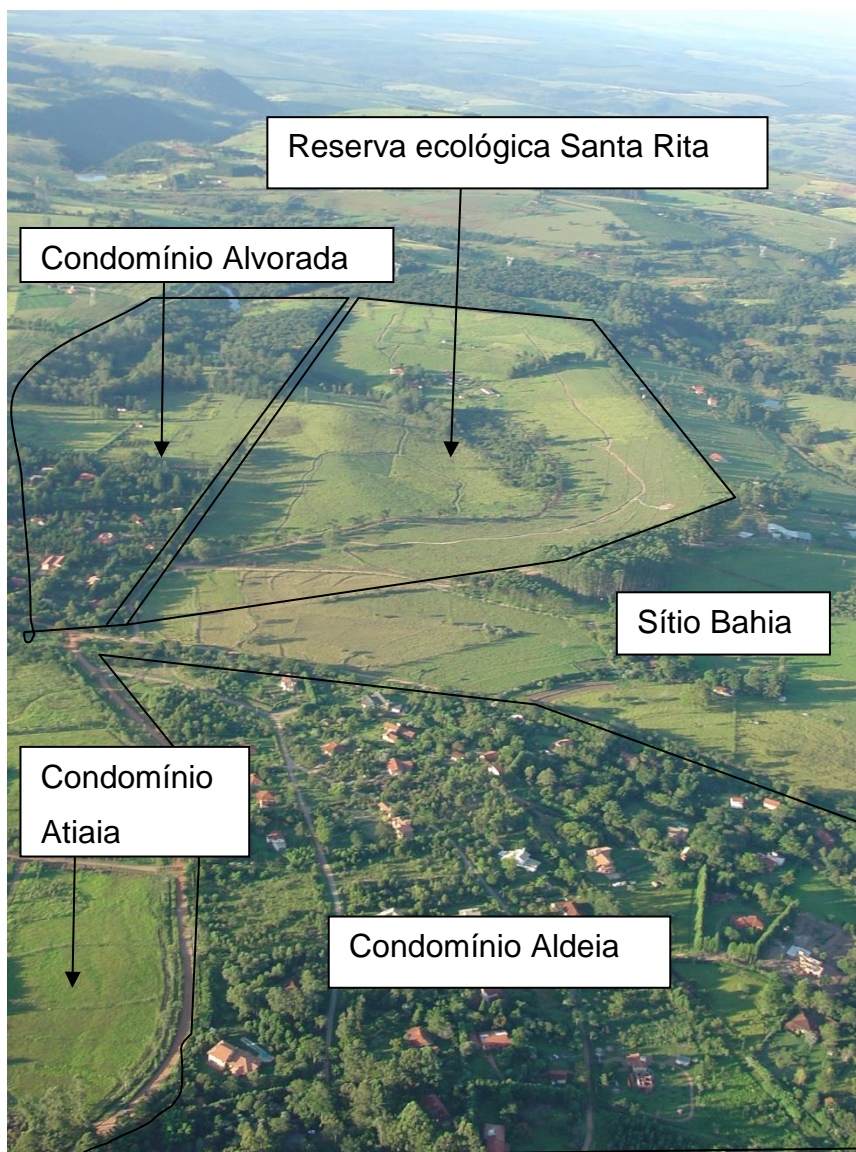
*Outro condomínio que surgiu para proteger a Demétria de uma possível indústria de Charque que estava para surgir do lado, foi o Condomínio Eucaliptos.*

*Sr. Palmeira e Sra. Ipê começaram a seguir um caminho que se direcionava a lugares diferentes e saíram da Estância Demétria. Sr. Carvalho continuou mais 5 anos administrando a Estância sozinho, pois o Alcides também saiu. Sr. Carvalho havia combinado com sua esposa que ficariam 10 anos no Brasil e depois passariam 3 anos na Noruega, terra natal de Sra. Bordo, 10 anos que se tornaram 23. Havia chegado a hora de cumprir a promessa. Sr. Carvalho avisou a ABT que sairia da administração da*



*Estância. A ABT tinha a ambição de tornar a Estância Demétria muito visível e uma referência, porém com a nova administração faliu totalmente em 3 anos. Na procura por uma nova pessoa para gerir a Estância Demétria, a ABT pediu para Paulo Cabrera tocá-la. Atualmente Paulo cuida da Estância Demétria e o Sítio Bahia.*

*Atualmente, muitos alimentos do bairro chegam da horta do Sítio Alvorada e da horta do Marcelo, localizada na área agrícola do Condomínio Atiaia, ambos também têm um público grande nas feiras orgânicas de São Paulo. Além dessas iniciativas, há também a horta da Maria (área agrícola do Aldeia) e pequenas hortas nas casas dos moradores.*



**Imagem 23. O Bairro. Foto: João Batista de Oliveira (2007)**

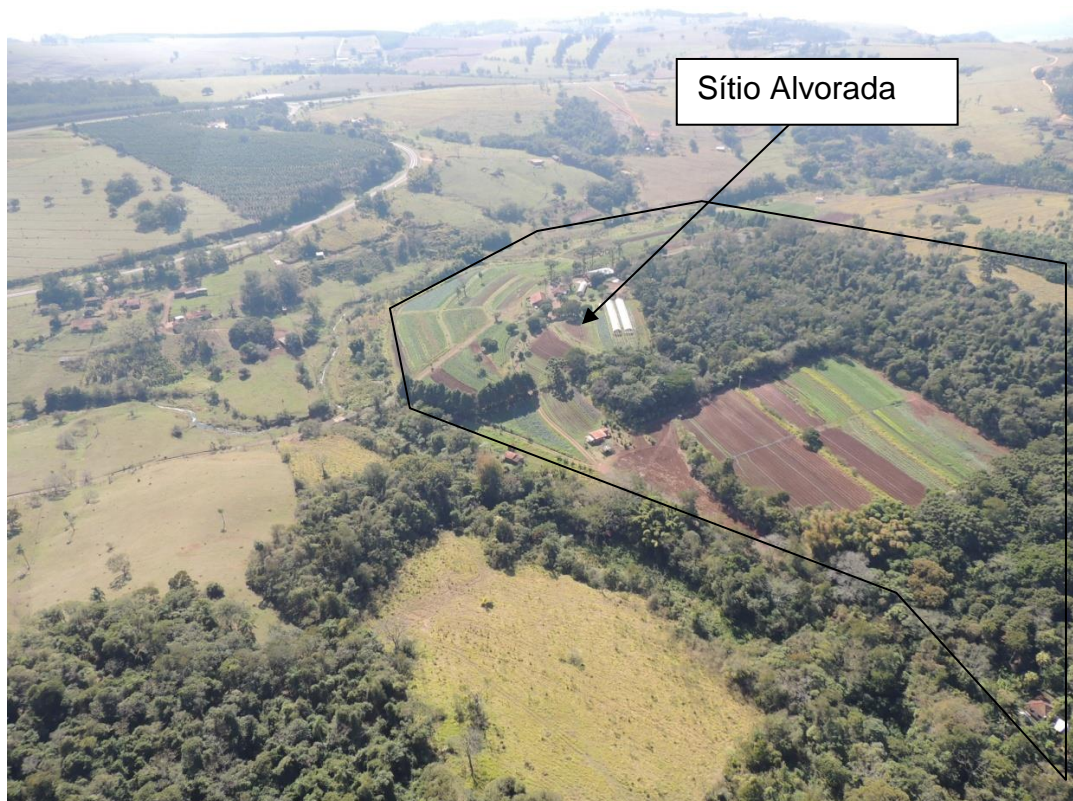
Atualmente, a questão latente no Bairro Demétria é a questão do futuro da Estância Demétria. A Giroflex (dona das terras através da Associação Tobias - atualmente sem o “Beneficente”), faliu e a Estância Demétria deve sofrer as consequências das novas políticas adotadas pela Associação, porque apesar da vontade inicial do Sr. Laranjeira, as terras não foram totalmente neutralizadas e após sua morte e a falência da empresa, estão nas mãos de pessoas não-alinhadas com o impulso inicial. Ainda não é claro se a Família Cabrera, atual responsável pela Estância Demétria, poderá ficar nas terras ou se ela será loteada.

O grande foco da convivência do Bairro aos poucos se volta para o Sítio Bahia, o Projeto Fênix (LIXO/RECICLAGEM) sairá da Estância Demétria e estará de “casa nova” no Sítio Bahia, o curso de Formação de Professores Waldorf de Botucatu também terá uma sede dentro do Sítio. Existe a possibilidade de um centro Comunitário e outras iniciativas acontecerem dentro do Sítio Bahia.

De qualquer maneira, nos próximos 2 anos a paisagem mudará de maneira significativa, sendo muito provável que o que conhecemos hoje terá uma nova configuração. Os espaços de agricultura estão se modificando assim como a maneira de se conviver e enxergar a totalidade do bairro. Existe uma mudança de visão de uma geração para a outra e atualmente as pessoas que vem para o bairro vem por causa da escola e raramente por causa da agricultura. A agricultura é um ponto de vantagem, mas não de atração para trabalho. Uma atmosfera bucólica campestre e toda a força da natureza do lugar tem seu encantamento, mas o plantar em si perde espaço.

Graças à resistência de algumas iniciativas agrícolas, como a Estância Demétria, o Sítio Bahia, o sítio Alvorada (conduzido por Sr. Chistof Blaich e Fabio Massocato), a Horta do Marcelo, a ABD, à iniciativa do Vidal, à Horta da Maria e às hortas nos quintais, a agricultura ainda permeia grande parte da vida do Bairro.





**Imagem 24. Sítio Alvorada (área da terra cultivada ) Foto: João Batista de Oliveira 2007**



**Imagem 25. Condomínio Verbena. Foto: João Batista de Oliveira 2007**



No Brasil, foi na Demétria que o ambiente estava, de certo modo, pronto para receber uma nova iniciativa que ligava economia e agricultura, já que havia uma grande produção de verduras e hortaliças orgânicas e um grupo de pessoas dispostas a participar deste novo projeto.

Mas antes de falarmos sobre CSA como uma maneira de resignificar as relações no campo brasileiro, é importante contextualizar a situação do campo brasileiro e como este se moldou. A CSA está inserida dentro desta lógica e apresenta-se como uma resistência silenciosa e um processo de transformação profundo da mentalidade humana e de como o Ser Humano se relaciona com os alimentos e bem como ele os acessa. Voltando ao mito da Demétria: como o Ser Humano se relaciona com o campo e, conseqüentemente, configura a sociedade.



**Imagem 26. Vista para o Aldeia. . Foto: João Batista de Oliveira 2007**

### **Capítulo 3 – Um breve panorama do campo brasileiro: A Produção de alimentos, mercados alimentares e o papel das grandes corporações.**

Quando procuramos compreender um processo que acontece no atual tempo e espaço, precisamos compreender alguns fatores que levaram a situação em questão a se configurar desta maneira. Bombardi (2004:47) explica bem esta necessidade:

Analisar o território significa aprender as relações sociais que o determinam, o que na atualidade significa fazer uma análise que abarque o modo capitalista de produção e suas implicações, numa perspectiva de entendimento de que as relações sociais no mundo atual são por ele determinadas.

Dito isso, Oliveira (2007:20) resume os processos da seguinte maneira:

O processo de desenvolvimento do modo capitalista de produção tem necessariamente que ser entendido no seio das realidades históricas concretas, ou seja, no seio da formação econômico-social capitalista. O desenvolvimento do capitalismo é produto de um processo contraditório de reprodução capitalista ampliada do capital. Ou seja, o modo capitalista de produção não está circunscrito apenas à produção imediata, mas também à circulação de mercadorias, portanto, inclui também a troca de mercadorias por dinheiro e, obviamente, de dinheiro por mercadorias. Segundo Martins, esse processo contraditório decorre do fato de que o modo capitalista de produção não é em essência um modo de produção de mercadorias no seu sentido restrito, mas sim modo de produção, de mais-valia. Cabe esclarecer, neste momento, que o produto final do processo de produção não é a mais-valia e sim a mercadoria. Essa mercadoria que sai do processo produtivo contém, aprisiona a mais-valia. Numa palavra, é na produção que a mais-valia é gerada. Entretanto a sua realização só se dá na circulação dessa mesma mercadoria. É, pois, no momento da circulação que o capitalista converte a mercadoria em dinheiro, e, portanto apropria-se da mais-valia, que é trabalho social não pago. Assim, trabalha-se com o princípio de que o capitalismo está em desenvolvimento constante em todo canto e lugar. E esse desenvolvimento é fruto do seu princípio básico, o movimento de rotação do capital:  $D - M - D'$ . Entende-se

também que o chamado processo econômico é constituído de quatro momentos distintos, porém articulados, unidos contraditoriamente. Esses momentos são o da produção imediata, da distribuição, da circulação e do consumo. O desenvolvimento do modo capitalista de produção, entendido como processo contraditório de reprodução ampliada do capital, pressupõe a criação capitalista de relações não-capitalistas de produção, uma vez que o capital, ao reproduzir-se, reproduz também de forma ampliada as suas contradições.

Segundo Bombardi (2004:61), “o Brasil, como outros países latino-americanos, teve um desenvolvimento capitalista em que a produção foi determinada pela circulação, ou seja, a produção visava atender às relações estabelecidas com a metrópole (Martins,1996).” Sendo que o “campo brasileiro na atualidade é resultado de um longo “processo histórico de passagem do ‘complexo rural’ para uma dinâmica comandada pelos ‘complexos industriais’ (Kageyama, 1990:116)” O que permeou este processo foram mudanças da base técnica – chamado de modernização - culminando na industrialização. A modernização no campo é a mudança na base técnica da produção agrícola, no período pós-guerra, com a introdução de máquinas, elementos químicos, mudanças nas ferramentas e mudanças de cultura e ou novas variedades. A gerada industrialização da agricultura implica a incorporação de uma lógica de fábrica no processo produtivo, sendo que, esta, agora compra insumos e produz matérias-primas para outros ramos da produção. (Kageyama, 1990).

É de extrema importância a compreensão da mudança na lógica que rege o campo para o entendimento da atual conjuntura. O modelo atual de alimentação e produção agrícola está submetido a uma lógica capitalista de produção, como bem ilustra Vivas (2009) <sup>13</sup>,

[...] Hoje, o mercado de alimentos não responde às necessidades alimentícias das pessoas ou à uma produção sustentável baseada no respeito ao meio ambiente, mas se trata de um modelo enraizado em uma lógica capitalista: de busca máxima por benefício, de otimização de custos e exploração de mão de obra em cada um de suas fases produtivas.

---

<sup>13</sup> Os textos de Vivas (2009) e Grain (2011) estão originalmente em espanhol, sendo que suas citações usadas neste texto foram traduzidas livremente para o português por mim.

Se antes, os bens comuns (água, sementes, terra) estavam nas mãos dos camponeses, agora são privatizados e transformados em moeda de troca (Vivas, 2009), o poder corporativo no mercado de alimentos cresceu tanto que são as empresas que ditam as regras aos governos e este poder é utilizado para expandir as monoculturas e acabar com os sistemas de campesinato. (Grain, 2011)

Neste sentido, o conflito pelo controle das sementes ilustra bem estas modificações, passou-se de uma indústria com pequenas empresas e programas públicos à uma indústria controlada por grupo pequeno de multinacionais. Estas, em sua maioria, produzem agrotóxicos e criam sementes transgênicas que podem aguentar estes insumos (Grain, 2011). Este controle se concentra nas sementes de soja, canola e milho, mas em sua avidez de controlar mercados menores, grandes corporações se associam a pequenas empresas e depois as compram, criando, por exemplo, variações transgênicas de arroz, trigo ou cana de açúcar, que até agora não estavam envolvidas devido às práticas camponesas de armazenamento de grãos. (Grain, 2011)

Ainda segundo Grain (2011), ao surgirem as corporações multinacionais de sementes, os sistemas públicos de melhoramento de cultivos, tão significativos há vinte anos, foram reduzidos a empreiteiros do setor privado e como a fonte principal de sementes são os camponeses, o setor privado busca entrar nestes nichos através de instituições públicas de pesquisa. Este controle que as multinacionais assumem das pequenas empresas, visa abrir novos mercados e buscar respaldo nacional para impulsionar mudanças nas leis de propriedade intelectual e legislação de biodiversidade e, acima de tudo, erodir os sistemas de sementes dos camponeses. Busca-se, assim, abastecer uma nova classe de trabalhadores rurais, não tendo neste processo qualquer interesse em apoiar sistemas campesinos de sementes livres que se guardam e se trocam e que servem a comunidade e às famílias. Se por um lado, as multinacionais, os institutos nacionais e internacionais de pesquisa promovem um modelo industrial que vai contra o que necessitam os camponeses e os sistemas alimentares, por outros são os sistemas camponeses de sementes que contribuem para grande parte da comida do planeta sem receber auxílio governamental. (Grain, 2011)

Nos últimos 20 anos, segundo Grain, houve uma mudança da maneira que o capital entrava no campo. Nos anos 60 e 70, o capital entrava por meio dos insumos,



controlando a venda de sementes, fertilizantes e maquinaria, pois a maioria das fazendas e plantações era nacional. Porém, em anos recentes, o capital incorporou em seus processos, através de contratos, diversos segmentos da cadeia alimentar, ou todos eles, desde criação de sementes, produção de agroquímicos, semeadura, transporte, processamento e comercialização. Parte da razão desta integração vertical é que os varejistas globais (multinacionais) exigem estrita adesão a determinados padrões que eles mesmos ditam, empregando os agricultores, que não cumprem nenhuma lei ou lidam com sindicatos. Surgem assim, agroempresários corporativos que empreendem iniciativas de grande escala mundial de investimentos e ações, criando um modelo utilizado como “instrumento imperialista de controle político, econômico e social por parte das principais potências do Norte, dos Estados Unidos e da União Europeia” (Vivas, 2009)

Com um desmantelamento das empresas estatais nos anos 1980 e 1990 e a criação da Organização Mundial do Comércio, cujos pacotes de regras neoliberais a todos os países do mundo instauraram uma etapa de aumento de investimentos estrangeiros nas agroempresas e globalização do mercado de alimentos, resultou-se a concentração do poder nas grandes multinacionais do agronegócio (Grain, 2011) e causou o aumento dos preços dos alimentos, do transporte e dos serviços públicos, agravando as condições de vida da maioria das populações destes países e dificultou a luta pela sobrevivência cotidiana. A história se repete e as políticas liberais seguem deixando milhões de famintos. (Vivas, 2009).

A crise no setor de alimentos, ao longo do ano de 2007 e 2008, com um forte aumento do preço dos alimentos básicos, ressalta a extrema vulnerabilidade do modelo agrícola atual (Vivas, 2009) e impulsionou uma onda de inversão da produção alimentícia e em terras agrícolas no estrangeiro, fomentando um sistema alimentício corporativo global. (Grain, 2011).

O preço da comida não parou de subir, sendo que os cereais e alimentos básicos são os que mais sofreram aumentos. O problema hoje não é a falta de alimentos, mas sim, a impossibilidade de ter acesso a eles. (Vivas, 2009).

Vivas (2009) entende que isto tem causas conjunturais e estruturais, entre as causas conjunturais deste aumento de preço estão: a seca e outros fenômenos meteorológicos, aumento do consumo de carne, importações de cereais, diminuição da reserva de grãos nos sistemas nacionais que foram desmantelados no final dos

anos 1990. Ainda segundo o ponto de vista de Vivas (2009:12), estão dois fatores importantes: o aumento do preço do petróleo e os crescentes investimentos especulativos em matéria-prima. O aumento do preço do petróleo tem relação aos preços dos fertilizantes e aos preços dos transportes relacionados ao mercado de alimentos. Consequentemente, ocorre o aumento do investimento na produção de combustíveis alternativos de origem vegetal, todavia, estes, entram em competição direta com a produção de alimentos. O desvio de 5% da produção de grãos no mundo para a produção de biocombustíveis repercutiu de forma direta no aumento do preço dos grãos. Depois da crise no mercado imobiliário americano, os bancos, companhias de seguro, fundos de investimentos, etc, buscaram lugares mais seguros e com maior rentabilidade para investir seu dinheiro, ou seja, dirigiram seu capital ao mercado de futuros de alimentos.

Continua Vivas (2009), que razões mais profundas, de cunho estrutural agravam esta crise. As políticas neoliberais aplicadas indiscriminadamente nos últimos 30 anos assim como um modelo de agricultura e alimentação a serviço de uma lógica capitalista são as principais responsáveis por esta situação.

A revolução verde, com o teórico objetivo de modernizar a agricultura nos países não industrializados teve consequências colaterais negativas para muitos camponeses médios e pobres e para a segurança alimentar a longo prazo, concomitantemente que aumentava o poder das corporações agro industriais.

Ao longo dos anos 80 e 90, as medidas impostas pelo Programa de Ajuste Estrutural (PAE) do Banco Mundial forçaram os governos do Sul a retirar subvenções aos produtos de necessidade básica como o pão, o arroz, o leite, o açúcar; a diminuir drasticamente gastos públicos em educação, saúde, infraestrutura e a desvalorizar a moeda nacional. A nível comercial, promoveram exportações de produtos da monocultura, reduzindo os produtos destinados à alimentação. Tratados regionais como o NAFTA, aprofundaram o liberalismo comercial, levando a quebra dos camponeses do Sul [no caso, o México] e convertendo-os em dependentes das importações de alimentos dos países do norte (Vivas, 2005), ainda segundo Vivas (2009:5):

Os subsídios agrícolas estão direcionados aos maiores produtores causando competição desleal com o pequeno produtor, somando-se a isso, o modelo industrial e intensivo adotados por grandes

corporações acabou com um sistema de produção local. Se há aproximadamente 50 anos os países do sul eram autossuficientes, agora, são dependentes do mercado internacional.

Como ilustra Grain (2011:30), neste mesmo sentido e para ilustrar com um exemplo que vai além do caso dos produtos de plantio, podemos tomar o caso do “leite popular” na Colômbia e as grandes empresas de laticínio, como a Nestle, por exemplo. Na Colômbia há uma cadeia de “leite popular”, isto é, os produtores de leite distribuem, diariamente, pela manhã seu produto: são mais de 50 mil vendedores, totalizando 40 milhões de litros de leite fresco, não pasteurizado, a preços que a população pode pagar.

Todavia, através de um decreto, proibiu-se a venda de leite não pasteurizado, inviabilizando o “leite popular”. Coincidentemente, ou não, foram feitos acordos bilaterais de livre comércio com alguns países exportadores de laticínios e apesar da Colômbia ser autossustentável em leite, os tratados poderiam anular as subvenções, vulnerabilizando o setor em relação ao leite em pó barato. (Grain, 2011:30).

Com os acordos com as empresas os produtores são obrigados a vender seu produto somente a elas, exercendo um controle absoluto quando chega o momento de fixar o preço e determinar se o leite abastecido pelo produtor cumpre com as exigências da empresa (Grain, 2011:37).

As esperanças que as corporações colocam nos mercados emergentes estão em grande parte nas projeções de que uma crescente classe média no Sul irá consumir mais laticínio e os comprará em supermercados e cadeia alimentares que se expande com rapidez. (Grain, 2011:34). Sendo que o leite popular, muitas vezes não pode cumprir com os critérios privados e com as políticas fixadas por grandes companhias, como Starbucks e McDonald's, Walmart e Carrefour. (Grain, 2011:34).

Conforme Grain (2011:38), o problema básico é que em quase todos os países os preços internacionais dos laticínios é muito abaixo dos custos de produção e a única coisa que freia o crescimento do mercado global de laticínio são as tarifas nacionais e outras medidas de proteção que seguem sendo significativas e muito generalizadas.

O constante debate sobre o acesso global a alimentos e sobre fome que permeia parte da humanidade ainda faz parte das questões que estamos lidando como sociedade. Todavia, essa “crise” alimentar global “beneficia as multinacionais

que monopolizam cada uma das ligações da cadeia de produção, transformação e distribuição de alimentos” (Vivas, 2009:24), além de contarem com “apoio das elites políticas e das instituições internacionais que colocam os benefícios destas empresas em detrimento das necessidades alimentares das pessoas e respeito pelo meio ambiente” (Vivas, 2009:27)

Esta crise também, segundo Vivas, mostra a incapacidade do capitalismo de satisfazer as necessidades básicas da maior parte da população mundial assim como sua total incapacidade manutenção do ecossistema. Apesar desta crise “chacoalhar” a credibilidade e legitimidade da ideologia capitalista, políticas neoliberais continuam e intensificam um quadro de competição global interimperialista e intensificam tensões entre estes e novas potências emergentes como a China e Índia. Somando-se a isto, o atual modelo aprofunda a crise ecológica global no que tange as mudanças climáticas, produzindo gases de efeito estufa, desmatamento. Vivas apresenta quatro elementos característicos da produção de alimentos no sistema capitalista: intensivo, industrial, quilométrico e dependente do petróleo. Intensivo, pois esgota o solo e recursos naturais; Industrial pois é um modelo de produção mecanizado; quilométrico e dependente de petróleo pois se trata de uma produção de bens deslocalizados buscando mão de obra barata e de legislações ambientais frouxas.

Dentro deste contexto, todavia, há alternativas que podem transformar este quadro. Neste sentido, Vivas (2009) aponta o retorno das sementes, das terras, da água aos camponeses para que estes possam se alimentar e alimentar a comunidade como uma alternativa, além de uma “reforma agrária integral da propriedade e da produção da terra e uma nacionalização dos recursos naturais”. No sentido mais amplo da questão,

[...] as políticas públicas tem que promover uma agricultura nativa, sustentável, orgânica, livre de pesticidas, químicos e transgênicos e para aqueles produtos que não são cultivados em âmbito local, utilizar instrumentos de comércio justo de escala internacional.

Os consumidores também têm um papel importante nesta questão, pois deverá haver um “consumo responsável e consumir em função do que realmente necessitamos, combatendo um consumismo excessivo, antiecológico,

desnecessário, supérfluo e injusto promovido pelo mesmo sistema capitalista.” (Sempere, 2009; Ballesteros, 2007, *apud* Vivas, 2009:36)

Portanto a ação política coletiva, a aliança entre camponeses, imigrantes, trabalhadores, mulheres, jovens é uma condição indispensável para fazer essa mudança na atual conjuntura, neste atual paradigma. (Vivas, 2009).

Tendo como palco o cenário descrito até agora, o campo brasileiro dialoga, com sincronia, com o movimento global de transformação da questão dos alimentos.

O complexo rural tinha uma dinâmica atrelada ao comércio exterior, isto é, a produção (normalmente de somente um produto) era destinada ao mercado externo, sendo que todos os recursos da fazenda eram alocados de modo a incrementar a produção de exportação. Não havia mercado interno e “grande parte dos bens produzidos só tinha valor de uso, não se destinando ao mercado”.

Concomitantemente ao surgimento do complexo cafeeiro, surgiram pequenos produtores de alimentos e uma pequena indústria rural (principalmente aguardente) para o abastecimento das cidades e vilas que se formavam. (Kageyama, 1990)

No período do auge até a crise do café (1890/1930), ampliaram-se a produção artesanal de máquinas e equipamentos agrícolas e consolida-se uma indústria têxtil como primeira grande indústria nacional levando à “fase de integração dos mercados nacionais (de alimentos, de trabalho e de matérias-primas)” ocorrida de 1930 a 1960, e terminando com a implantação do departamento produtor de bens de capital (D1) industrial a partir de 1955, na chamada fase de industrialização pesada. (Kageyama, 1990).

Segundo Kageyama, nestes 30 anos, o setor agrícola continuou a desempenhar um papel fundamental, quer através de transferências financeiras quer viabilizando a importação de bens de capital e insumos para a indústria em expansão.

A partir do pós-guerra, com as transformações capitalistas na base técnica da produção, isto é, modernização, houve uma elevação na “dependência da agricultura de compras industriais para a produção de suas mercadorias” (Kageyama, 1990:120), tornando o processo de produzir cada vez mais dependente da produção de outros setores da economia, mais intensivo no uso de capital fixo e circulante.

Retomando Grain, citado anteriormente, houve uma mudança da maneira que o capital entrava no campo. Nos anos 60 e 70, o capital entrava por meio dos insumos, controlando a venda de sementes, fertilizantes e maquinaria, pois a maioria das fazendas e plantações era nacional. Porém, em anos recentes, o capital incorporou em seus processos, segmentos da cadeia alimentar, ou todos eles. Inclusive, como ressalta Kageyama, os investimentos agropecuários constituem fração importante do patrimônio imobiliário dos conglomerados.

Segundo Oliveira (2003:114), “no Brasil, o desenvolvimento contraditório e desigual do capitalismo gestou também, contraditoriamente, latifundiários capitalistas e capitalistas latifundiários” e como ressalta Kageyama (1990:124),

[...] além do novo caráter da propriedade fundiária quando o capital financeiro penetra no setor agropecuário, também o Estado passa a desempenhar novos papéis nesse novo padrão de desenvolvimento agrícola, que podem ser sintetizados na ideia de uma regulação estatal visando a financiar, patrocinar e administrar as expectativas e a capturas das margens de lucro na agricultura, no sentido de beneficiar os capitais integrados e garantir sua valorização.

Segundo Kageyama (1990:129),

[...] como parte do processo de industrialização e de abertura da economia brasileira para o capital multinacional, há a instalação e expansão da indústria de fertilizantes. Simultaneamente esse processo substitui importações, cria mercados e necessidade de mais importações, [...] “e começa a colocar as condições e as necessidades de uma política de investimentos de longo prazo no setor (Kageyama, 1990:135-136).“

Os defensivos agrícolas também entram nessa lógica da “quimificação” da agricultura (Kageyama, 1990) incorporando um mercado consumidor cada vez maior, porém “não acompanhado por uma “rede institucional” capaz de garantir a uniformidade e padronização dos produtos, segundo suas especificações”. (Kageyama, 1990:147).

Outra maneira do capital penetrar na agricultura brasileira, além de pelos fertilizantes e defensivos agrícolas, é através indústria de máquina e implementos. O início da mecanização da agricultura brasileira remota a década de 20 em áreas planas, a partir da década de 40, com o crescimento das lavouras de trigo, arroz, cana e café, as condições para sua expansão se concretizam. Na década de 60, com a expansão da soja, ampliou-se ainda mais os limites do mercado e também de tipos de lavouras incorporadas pelo maquinário. Se antes o que predominava era a importação do maquinário, a partir da década de 60, junto com a expansão industrial brasileira, ele passou a ser produzido nacionalmente, todavia, é necessário ressaltar que as empresas produtoras eram grandes empresas internacionais. (Kageyama, 1990).

Segundo Bombardi (2013:5),

Esta é a lógica da indústria agroquímica: a subordinação da renda da terra ao capital. Por isto está indústria avança com o avanço do agronegócio, já que o modelo da monocultura é necessariamente um modelo demandador de pacotes agroquímicos. Neste sentido é que é possível verificar o crescimento das indústrias de agroquímicos, sem que, necessariamente tenham que realizar diretamente algum cultivo.

Portanto podemos compreender, como escreve Kageyama (1990:157), que,

[..] as grandes transformações técnico-econômicas e sociais na agricultura não resultaram da ação “livre” das forças do mercado. Muito ao contrário, o Estado esteve presente em todas as fases do processo, ora criando ele próprio condições para as transformações (através das políticas de financiamento e tecnologia, por exemplo), ora “amarrando” diversos elementos em torno de um projeto definido de modernização da agricultura brasileira.

Neste sentido, fica claro o foco do “apoio das elites políticas e das instituições internacionais que colocam os benefícios destas empresas em detrimento das necessidades alimentares das pessoas e respeito pelo meio ambiente” (Vivas, 2009:27). Deste modo, a integração da agricultura ao circuito financeiro, implicou em uma “subordinação da agricultura ao poder regulador da política manejada pelo Estado e colocou o mercado financeiro como o parâmetro básico das tomadas de decisões dos agricultores e empresas operando na agricultura” (Kageyama, 1990:161).



Com bem ilustra Fernandes (2004:38),

O processo de construção da imagem do agronegócio oculta seu caráter concentrador, predador, expropriatório e excludente para dar relevância somente ao caráter produtivista, destacando o aumento da produção, da riqueza e das novas tecnologias. Todavia, a questão estrutural permanece.

Batendo recordes de exportação todo ano, o agronegócio e suas *commodities* são expressões objetivas desta inserção capitalista das elites brasileiras ao capital mundial. O Brasil do campo moderno, desta forma, vai transformando a agricultura em um negócio rentável regulado pelo lucro e pelo mercado mundial (Oliveira, 2003).

Todavia, apesar de grandes quantidades de exportação ocorre uma grande contradição. Embora modernize o País, o agronegócio, contraditoriamente, através de sua lógica de mercado na qual produz para quem paga mais, ocasiona que grande parte de alimentos básicos necessitem que sejam importados, apesar da possibilidade de produção no próprio país. (Oliveira, 2003)

Segundo Oliveira (2003:124), as exportações do agronegócio e os produtos do parque industrial no país, vão permitindo o crescimento das exportações, pois os compromissos com a dívida externa continuam. Continua Oliveira (2003:125):

[...] o Brasil tem agora um novo lugar no mundo do capital: tornou-se plataforma privilegiada de exportações do setor de transportes, além de continuar sendo um dos principais fornecedores mundiais de produtos básicos que vão de ferro à soja e aos aviões. O Brasil tornou-se parte do capitalismo mundializado e a burguesia está, portanto, igualmente internacionalizada.

Algo que reflete as contradições do campo brasileiro é a questão da estrutura fundiária. Dos 850,2 milhões de ha de território nacional, efetivamente 170 milhões de ha são terras devolutas, todavia verificamos que praticamente não há terras sem cercas ou que alguém diz que é sua, muitos ocupam, portanto, as terras de maneira irregular.(Oliveira, 2003)

Para ilustrar a afirmação de que muitos têm pouca terra e poucos têm muita terra, o que causa grandes conflitos, seguem os seguintes dados: As grandes propriedades (2.000 ha e mais) representam 0,8% do número de imóveis e 31,6% do total de área, enquanto 99,2 % é o total de propriedades pequenas e médias

(menos de 200 há até 2.000 ha), representando 29,2% e 39,2%, respectivamente da área total. Ainda por cima, destas grandes propriedades, apenas 30% são produtivas, sendo que os 70% poderiam disponibilizadas para cultivo. (Oliveira, 2003)

As contradições aparecem mais fortemente ainda, quando analisamos a geração de empregos no campo, onde “as pequenas unidades de produção geram mais de 114,4 milhões de empregos ou 86,6% do total.” (Oliveira, 2003:129). Uma das justificativas para o pequeno número de empregos nas grandes propriedades é a sua mecanização, todavia, ela ocorre também nas pequenas propriedades, contradizendo esta afirmação.

Estas pequenas propriedades também possuem os menores percentuais de uso de fertilizantes, e simultaneamente, os maiores. Neste sentido, o consumo de agrotóxicos quer para os vegetais quer para os animais ilustra o quadro mais terrível do uso da tecnologia na agropecuária, significando o “mais espetacular resultado da modernização” da agricultura: seu envenenamento gradativo. (Oliveira, 2003)

Somando-se à latente questão dos defensivos agrícolas, agrotóxicos, propriedade da terra está a questão do financiamento. Como dito anteriormente estas são algumas maneiras que o capital encontra de se apropriar do território e atividades agrárias mundialmente. Segundo Oliveira (2003:131), os números do crédito obtido na agricultura são outro indicativo da profunda desigualdade existente no setor, desta forma verificamos que o agronegócio das grandes unidades recebe créditos massivamente, enquanto os pequenos proprietários de terra, quase nada.

Interessantemente, são as pequenas unidades de produção que são ocupadas com fins produtivos enquanto a maioria das grandes propriedades constitui-se como reserva patrimonial e de valor dos latifundiários, sendo estas grandes empresas industriais, financeiras e de serviço. Também são as pequenas unidades que produzem mais em volume de produção, com exceção na silvicultura, e geram mais renda no campo, ou seja, são mais produtivas. Nas grandes unidades também predominam as áreas com matas e florestas naturais e as improdutivas (Oliveira, 2003).

Para Oliveira (2003), a soja é a verdadeira vedete do agronegócio, sendo atribuído a ela o grande furor das transformações na agricultura brasileira. Todavia, são as médias e pequenas propriedades que produzem a maior quantidade de soja,

integrando mais de 225 mil camponeses na sua produção. Quanto ao destino das toneladas produzidas, 37% são encaminhadas às cooperativas, 30% aos intermediários e 31% para a indústria, o restante tem outros destinos. Oliveira (2003:140) ainda nos lembra que, a partir dos anos 60 quando a soja começou a se expandir, as cooperativas foram instrumentos privilegiados de reprodução da subordinação da renda da terra dos camponeses ao capital neste setor.

A cana-de-açúcar também se tornou um produto extremamente importante para a compreensão do atual campo brasileiro. Plantada desde os tempos coloniais, atualmente ela ganha outra dimensão com seu uso para biocombustíveis. Com esta nova possibilidade de mercado, as estratégias de produção começaram a ser repensadas pelos usineiros e, agora, de apenas capitalistas industriais tornaram-se capitalistas na produção da matéria-prima e também proprietários da maior parte da terra que plantam (Oliveira, 2003:140). Na perspectiva de Thomaz Junior (2007:12), a denominação *biocombustíveis* é equivocada para o modelo centralizador, concentrador e poluidor, sob o foco de luz dos Estados, das instituições financeiras internacionais e dos setores dominantes da burguesia, em todos os cantos do planeta e, estes, os biocombustíveis acabam por cumprir um importante papel geopolítico para diminuir sua dependência do petróleo.

Conforme Oliveira (2003:144) criam-se assim, as bases de uma verdadeira agroindústria onde ao lucro de origem industrial somam o lucro agrícola e a renda da terra.

O exemplo citado acima ilustra bem o processo que ocorreu no Brasil em comparação ao processo ocorrido em outros países, principalmente na América do Sul. Como dito anteriormente, o capital penetrou no campo de diversas maneiras e o cultivo da cana-de-açúcar exemplifica como a propriedade da terra, o uso de produtos químicos são significativos neste processo. Lembrando que a questão anteriormente abordada, referente aos transgênicos se sobressai na soja, sendo que 90% do mercado de sementes, nos EUA é controlado pela Monsanto (Grain, 2011:22).

Se antes de 2009 as usinas priorizavam a produção de álcool, em 2010, priorizaram a produção de açúcar, acumulando altas de 80% em relação à 2008, puxados pela redução da safra em diversos países, em especial na Índia, que passou de exportador a importador. Em contrapartida a produção de álcool (etanol) teve

baixas de 3% em 2009 em relação à 2008, mesmo assim, a margem de oferta/demanda ficou estreita e houve pressão sobre os preços do etanol no final do ano (Repórter Brasil, 2010:7). Este exemplo ilustra claramente como a produção interna se organiza em função das demandas do mercado externo, no caso relatado a questão da Índia, e abaixo veremos como o papel do governo federal, ou seja, suas políticas, influenciaram/influenciam o setor.

A demanda neste setor é positiva, com a venda de veículos flex e com a aparente imunidade do setor automobilístico brasileiro à crise que atingiu o setor neste período. Somando-se a isso, houve uma redução de 30% para 5% das tarifas de importação de Etanol da China, esta, honrando os compromissos afirmados ao entrar na Organização Mundial do Comércio (OMC). (Repórter Brasil, 2010:8)

As defasagens encontradas no Brasil no que talha infraestrutura e logística impedem um grande avanço neste setor, mas ciente da potencial demanda, o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) pretende desembolsar em 2010 os mesmo R\$6 bilhões emprestados ao setor no ano anterior (Repórter Brasil, 2010:8).

Neste sentido, reforça e esclarece perfeitamente Thomaz Junior (2007:12) que,

no caso do Brasil, a euforia em relação à expansão da agroindústria canavieira e da produção de etanol, e na outra ponta, a novidade do biodiesel, na verdade representam a mais nova ofensiva do capital e do projeto imperial de aniquilar de imediato todas as linhas de resistência no modelo hegemônico de sociedade, tais como o campesinato e os assalariados os quais combatem a avalanche capitalista, em nome da produção de energia renovável, da diminuição das emissões de poluentes e dos agravos ambientais, sem antes explicitarem que, com uma única cajadada, estão tratados de dois assuntos estratégicos e imprescindíveis para a manutenção da estrutura de poder: exercer o controle social e assegurar-se da gestão/produção/circulação/ fornecimento de combustíveis.

Com bem resumido neste parágrafo anterior, a questão do fornecimento do combustível é crucial no atual momento histórico. Acrescentando, neste sentido, Porto- Gonçalves (p.1-2) aprofunda a análise escrevendo que a questão agrária também se aprofunda na crise dos combustíveis, quando os Estados Unidos têm

uma “derrota política na ofensiva militar contra o Iraque associada às vitórias dos governos que recusam a agenda neoliberal em países que dispõem de importantes jazidas de gás e petróleo (Venezuela, Bolívia e Equador)” e começa a se preocupar com sua “soberania energética”.

No que tange a questão social, está, com este modelo de negócio, “em questão a disputa por projetos de sociedade ou a deslegitimação da cultura camponesa e dos povos originários, em detrimento do empreendimento capitalista” (Thomaz Junior, 2007:13). Segundo o professor indígena Tonel Ricardo, eleito vereador de Caarapó, em uma pesquisa realizada em aldeias indígenas, 100% das famílias afirmaram que gostariam de trabalhar na agricultura, se houvesse terra e políticas públicas de incentivo e, na região de Dourados, os indígenas apontaram que a cana tem substituído rapidamente culturas como soja e milho. (Repórter Brasil, 2010:58).

Além do mais,

O desrespeito às normativas trabalhistas, à Constituição, aos contratos de trabalho, às leis ambientais, por fim, a sacramentada liderança de serem esses empresários (conhecidos como usineiros) maus pagadores e os maiores exploradores e usurpadores de trabalhador, pelo fato de colecionarem, em todo o país, os piores exemplos de formas assemelhadas de trabalho degradante e escravo, são tão mais reforçados quando resistem em abrir mão do sistema de pagamento da força de trabalho no corte de cana-de-açúcar por produção (...) (Thomaz Junior, 2007 p.15).

Porto- Gonçalves (p.5), afirma que estamos diante de um processo de antirreforma agrária quando se observam os dados da evolução da área plantada no Brasil entre 1990 e 2006. Nestes dados fica claro o aumento de 47,5% da área plantada de uma agricultura voltada para a produção de combustível (cana e soja) ou para a alimentação animal (milho e soja), enquanto ocorre uma queda de 17% na área total destinada à produção de três produtos característicos da cesta básica da alimentação do brasileiro, o arroz, o feijão e a mandioca. Além disso, continua ele (p.6),

a corrida por terras no Brasil, motivada pela febre dos agro combustíveis e pelo avanço da agricultura para alimento do gado, produz o aumento do preço das terras, o que também impacta no

preço dos alimentos, uma vez que o aumento da renda da terra rebate o preço dos alimentos.

Outro tema de suma importância na caracterização do atual campo brasileiro é a produção de carne. A segunda maior empresa produtora de carne no mundo é brasileira, a JBS, com quase 10 milhões de toneladas em 2009 (Grain, 2011:72). Cada ano a produção mundial aumenta e para Porto-Gonçalves (p.1) este fato é indiciado pela crescente urbanização e independentemente da proporção da distribuição da renda, o aumento da população urbana implica necessariamente na ampliação do mercado. Continua Porto-Gonçalves (p.1) que este aumento do consumo

[...]se apresenta com efeitos ainda mais intensos no mundo agrário pelas condições (im)postas pela revolução nas redes sociais e de poder por meio da tecnologia, revolução esta denominada e simplificada e equivocadamente com revolução verde. É que a produção de carnes vem implicando num aumento significativo da demanda de grão (milho e soja) para alimentação animal. Assim, vem aumentando a disputa de terras para produzir alimentos para animais e seres humanos.

Uma empresa requer capital para expandir-se. E recentemente as grandes finanças globais canalizam investimentos à produção de carne nos países do Sul. (Grain, 2011:70). Com subsídios massivos e apoio governamental, em décadas recentes as corporações chegaram a aumentar a produção de carne em níveis formidáveis. (Grain, 2011:68).

Como esclarece Grain (2011:70), a partir da crise financeira, os investidores privados, mediante fundo de hedge e de pensão, desenvolveram um grande apetite por obter ações de empresas de carne e laticínios do Sul, inclusive investir em granjas.

As empresas brasileiras, além de obter investimentos, também os fazem em outros países. No Uruguai 60% das exportações são controladas por empresas estrangeiras, sendo 30% empresas brasileiras (Marfrig e JBS). (Grain, 2011:71).

No Brasil, os latifúndios monocultores de exportação concentram-se no Centro-Sul e empurram para a Amazônia a agricultura camponesa, concomitantemente, a substituição da pastagem pelo cultivo de cana

necessariamente desloca o gado para outras áreas que, no caso, tem sido para a região Centro Oeste e para a Amazônia. Com o aumento de 40% do rebanho entre 1990 e 2006, sendo que 80,8% ocorreu na Amazônia, verifica-se a sua temida pecuarização. Assim vemos se reproduzir ampliadamente no espaço geográfico o Complexo de Violência e Devastação (Porto-Gonçalves, 2007 *apud* Porto-Gonçalves).

Segundo Fernandes (2004:4), “a questão agrária nasceu da concentração estrutural do capitalismo que produz simultaneamente a concentração da riqueza e a expansão da pobreza e miséria. Essa desigualdade é resultado de um conjunto de fatores políticos e econômicos” com bem pudemos entender até agora.

O capital se realiza desenvolvendo a sua própria relação social, destruindo o campesinato, mas também se desenvolve na criação e recriação do campesinato (Fernandes, 2004:7) e é no conflito por terra e o desenvolvimento rural que as contradições se mostram claramente.

Para Porto-Gonçalves (p.16), o ponto de partida dessa solução é a reforma agrária, e não a política de assentamentos em curso hoje no Brasil sob o nome de reforma agrária.

[...] Ela deve ser feita mediante atualização dos índices de produtividade, mas, sobretudo da efetivação do princípio da função social na sua integralidade, isto é, não só na dimensão produtiva, mas também na trabalhista e ambiental. Em segundo lugar, a produção dos assentamentos de reforma agrária deve ser orientada para a produção de alimentos básicos, com mecanismos de garantia de compra e preços de forma a contribuir diretamente para a segurança alimentar.

No que tange a questão sempre presente dos agrocombustíveis, Porto-Gonçalves (p.16) sugere que sua produção seja descentralizada,

combinada com a produção de alimentos, em assentamentos de reforma agrária, articulada a pequenas agroindústrias voltadas para a transformação local da produção, poderia também contribuir para um melhor aproveitamento energético dos próprios agrocombustíveis, além de garantir maior autonomia para as comunidades locais.



A questão agrária não se resolve com a conquista da terra, pois a dificuldade de permanecer na terra acaba sendo o maior desafio. Todavia uma compreensão de como a totalidade se articula e funciona pode servir de subsídio e de guia para uma ação mais efetiva e duradoura dentro do grande movimento econômico e possivelmente de sua transformação.

Portanto, não é somente necessário outro tipo de agricultura, mas sim uma outra relação entre agricultor e quem consome, pois dentro desta lógica apresentada neste capítulo, não há espaço para outro tipo de relações.

## Capítulo 4 – A Comunidade que Sustenta a Agricultura (CSA)

Posto o que foi descrito no Capítulo anterior e a busca por uma diferente maneira de estar em sociedade, nasceu uma experiência de Comunidade que Sustentam a Agricultura, conhecido como CSA. Antes de falarmos de Brasil seria interessante trazer um breve relato sobre a CSA no mundo.

Apesar de ser um fenômeno recente nos Estados Unidos e Canadá, ele ganhou grandes proporções nos últimos anos. Segundo o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos, 12.617 fazendas nos EUA se denominam CSA.<sup>14</sup>

A CSA é o equivalente ao TEIKEI, cuja tradução literal é “parceria” ou “cooperação”, e foi primeiramente desenvolvido no Japão por um grupo de mulheres preocupadas com o uso de pesticidas, o aumento de alimentos processados e importados e a correspondente diminuição da população de agricultores. A tradução mais filosófica para TEIKEI é “alimento com a cara do agricultor” (Van Em 1992). Em 1965, essas mulheres iniciaram uma relação direta e cooperativa, na qual agricultores locais são apoiados por consumidores anualmente<sup>15</sup>.

O TEIKEI tem alguns princípios norteadores que guiam também a CSA. São estes os seguintes: <sup>16</sup>

- 1. Princípio da assistência mútua:** A essência dessa parceria está, não no comércio em si, mas na relação amigável entre pessoas. Portanto, produtores e co-produtores (consumidores) ajudam um ao outro na premissa de compreensão mútua. Essa relação deverá ser estabelecida sobre o reflexo das experiências passadas.
- 2. Princípio da produção pretendida:** Produtores devem, através do diálogo com os co-produtores (consumidores), se propor a produzir a máxima quantidade e a máxima variedade de produção dentro das capacidades da fazenda.
- 3. Princípio da aceitação do produto:** Co-produtores (Consumidores) deverão aceitar toda a produção que cresceu de acordo com consulta

---

<sup>14</sup> Fonte: <https://www.nal.usda.gov/afsic/community-supported-agriculture> às 13:54

<sup>15</sup> Fonte: <https://www.nal.usda.gov/afsic/community-supported-agriculture> às 13:54

<sup>16</sup> Fonte: [urgenci.net/principles-of-teikei/](http://urgenci.net/principles-of-teikei/) e, 21.12.2016 às 10.14 – Texto traduzido livremente pela autora.

prévia entre ambos os grupos e sua dieta deverá depender o máximo possível deste produto.

- 4. Princípio da concessão mútua na decisão do preço:** Ao decidir o preço da produção, produtores devem ter plenamente em conta os custos de mão de obra e gastos, devido à redução nos/dos processos de classificação e embalagem, tanto quanto o fato de que o produto será aceito/levado; e co-produtores (consumidores) deverão levar em conta os benefícios de ter acesso a comidas frescas, seguras e saborosas.
- 5. Princípio das relações de amizade:** O constante desenvolvimento desta parceria necessita o aprofundamento das relações de amizade entre produtores e co-produtores (consumidores). Isso será somente alcançado através do máximo contato entre os parceiros.
- 6. Princípio da auto-distribuição (Distribuição independente):** Neste princípio, o transporte do produto deverá ser feito por grupos de produtores ou co-produtores, sem a dependência de transportadoras profissionais.
- 7. Princípio da Gestão Democrática:** Ambos os grupos deverão evitar o excesso de dependência em um grupo limitado de líderes nas suas atividades e tentar praticar a gestão democrática com a responsabilidade dividida por todos. As condições particulares de cada família deverão ser levadas em consideração no princípio da ajuda mútua.
- 8. Princípio da aprendizagem mútua:** Ambos os grupos de produtores e co-produtores deverão dar importância ao estudar juntos, e deverão evitar que suas atividades sejam somente relacionadas à distribuição de comida segura.
- 9. Princípio da produção e consumo local:** A prática efetiva dos princípios acima será difícil se o território dos grupos se torna muito grande. Essa é a razão porque ambos deverão ter um tamanho apropriado. O desenvolvimento desse movimento em termos de membros deverá ser promovido pelo crescimento de grupos e colaboradores entre eles.
- 10. Princípio do desenvolvimento estável:** Na maioria dos casos, nem produtores, nem consumidores serão capazes de aproveitar as boas condições descritas acima desde o começo. Por isso, é necessário que

ambos escolham parceiros promissores e mantenham o esforço para avançar em mútua cooperação.

Esses princípios permeiam toda CSA e são indispensáveis para que ela se configure. Enquanto o Teikei se desenvolvia no Japão,

por volta da mesma época, um modelo similar começou na Europa. Ao invés de ser formado por consumidores preocupados, na Europa, o novo modelo foi consequência da agricultura biodinâmica, um processo desenvolvido por Rudolf Steiner no começo do Século 20. Agricultura biodinâmica é baseada na ideia de que todos os organismos vivos – incluindo o solo, plantas e animais – são dependentes uns dos outros. Agricultores cooperativos na Holanda e Suíça desenvolveram modelos similares aos do CSA como um componente econômico e social para essas ideias de interdependência.

Em 1984, Jan Vander Tuin trouxe da Europa para a América do Norte o conceito de CSA. Jan havia co-fundado uma CSA perto de Zurick, na Suíça, chamado Topanimbur. Ele introduziu a Robyn Van Em, na fazenda “Indiam Line Farm” em Egremont, Massachusetts e o conceito de CSA nos EUA nasceu.<sup>17</sup>

### **Mas o que é um CSA?**

Segundo o site [www.csabrasil.org](http://www.csabrasil.org):

“O conceito de uma Comunidade que Sustenta a Agricultura (Community Supported Agriculture) denominada CSA, nos apresenta uma prática de sucesso para um desenvolvimento agrário sustentável e o escoamento de produtos orgânicos de uma forma direta ao consumidor, criando uma relação próxima entre quem produz e quem consome os produtos. CSA é um modelo de um trabalho conjunto entre produtores de alimentos orgânicos e consumidores: um grupo fixo de

---

<sup>17</sup> Texto livremente traduzido do inglês. Fonte: <http://www.justfood.org/csa/history> em 30.10.2016 às 16:10

consumidores se compromete por um ano (em geral) a cobrir o orçamento anual da produção agrícola. Em contrapartida os consumidores recebem os alimentos produzidos pelo sítio ou fazenda sem outros custos adicionais.

Desta forma o produtor sem a pressão do mercado e do preço, pode se dedicar de forma livre a sua produção. E os consumidores recebem produtos de qualidade, sabendo quem os produz e aonde são produzidos. CSA, uma Comunidade que Sustenta a Agricultura oferece uma nova forma de economia em uma atuação conjunta com agricultores ativos e agricultores passivos, para a produção de alimentos. Uma nova forma que oferece vantagens para a terra, plantas, animais e o homem. ”

### **O CSA no Brasil**

Quando falamos do desenvolvimento da CSA (Comunidade que Sustenta a Agricultura) no Brasil precisamos falar também sobre a ideia de Escultura Social que está fortemente atrelada ao seu desenvolvimento e desabrochar, enquanto que no resto do mundo a CSA tem as mais diversas influências, nas CSA do Brasil ela é essencial.

O conceito de Escultura Social vem do artista alemão J. Beuss. Segundo Scheibe (2015:3777),

Na sua trajetória biográfica, sua saída da universidade de Düsseldorf em 1972, é resultado de questionamentos ao próprio ensino da arte, à formação artística dentro de um sistema orientado pelo estado. Na concepção do artista alemão, uma universidade, independente do estado e autodeterminada, seria um primeiro passo em direção a escultura social, a um tecido social e cultural, que não será organizado através de imposições estaduais, mas sim, que se organiza livremente a partir da realização pessoal de cada um em liberdade. Assim a Universidade Internacional Livre (FIU – Free International University) foi fundada como escultura social e existe até hoje em Achberg, Wangen, Alemanha. A intenção foi e é trabalhar com todas as pessoas, a partir dos seus interesses e questões, tendo em vista justamente o tecido social e cultural. Segundo o questionamento de Joseph Beuys:

Como cada pessoa viva na terra pode se tornar um escultor, um formador, no organismo social? ... Lá, onde neste momento se encontra o

estranhamento entre os seres humanos - nós podemos dizer quase como escultura fria – lá precisa entrar a escultura quente. Precisamos criar o calor entre humanos. (RAPPMANN, 1984:58)

É exatamente no ponto da “organização livre a partir da realização pessoal em liberdade” e “criar o calor entre humanos” que há uma enorme ligação com o conceito de CSA e escultura social, pois como bem continua Scheibe (2015:3778),

É importante ressaltar que a escultura social necessita um campo de exercício, uma possibilidade de exercitar valores como a igualdade, a liberdade e a fraternidade. Não existe nada pronto que nos diga, assim é uma escultura social. Ela seria um fenômeno comparável com a música, com o free jazz, onde os músicos tocam livremente e por instantes estão juntos, se encontram dentro da música, depois novamente se “perdem”, continuam tocando cada um da sua maneira até o próximo encontro que se dá de repente. O artista assume um papel que requer muita sensibilidade e tato, pois por incrível que pareça, ele precisa se reter e ao mesmo tempo agir. Ele precisa ser capaz de cunhar, ser alguém dominante, e ao mesmo tempo se misturar ou se diluir com seu entorno. Comparável com um quadro, onde a cor vermelha no meio de cores verdeadas assume certa importância. O vermelho precisa aparecer cuidadosamente para não dominar o quadro, ele deveria se misturar de vez em quando com o verde, deixando assim surgir tons marrons. Na dança também vivencia-se esse fenômeno: impulso e deixar-se guiar.

Todos os envolvidos no CSA são, então, artistas e precisam aprender a trabalhar de forma integrada, firme e amorosa, sabendo improvisar (como no *free jazz*) e coletivamente criar esta “obra social”.

“Schiller escreve em “Cartas Estéticas” quem não brinca não é um ser humano. ” Com esta frase Hermann Pohlmann iniciou sua entrevista para este trabalho. Ele é o responsável por trazer a ideia de CSA para o Brasil e co-fundou e trabalhou na CSA BRASIL promovendo cursos de formação e atividades relacionadas à CSAs no Brasil inteiro.

Sendo um artista plástico, esta perspectiva de o CSA como uma obra de arte, ou seja, Escultura Social, é muito importante para Hermann. Também interessado no tema da Antroposofia e estudando durante 4 anos o livro “Filosofia da liberdade” de Rudolf Steiner, Hermann conta que conseguia entender o que era dito por Steiner sobre a arte, até que entrou em contato com a Monte Azul e então compreendeu o que é esta “obra de arte”, esta Escultura Social.

A Associação Comunitária Monte Azul é uma organização não governamental, orientada pelo pensamento antroposófico, que atua prioritariamente pelo desenvolvimento integral do Ser Humano.

Hoje, beneficia diretamente mais de cinco mil famílias através do trabalho de três núcleos estabelecidos na periferia da cidade de São Paulo, Brasil. Seus programas agregam colaboradores e voluntários, brasileiros e estrangeiros, num modelo de atuação multiplicador e disseminador para muito além dessas comunidades.<sup>18</sup>

O esquema abaixo ilustra o que seria uma escultura social:

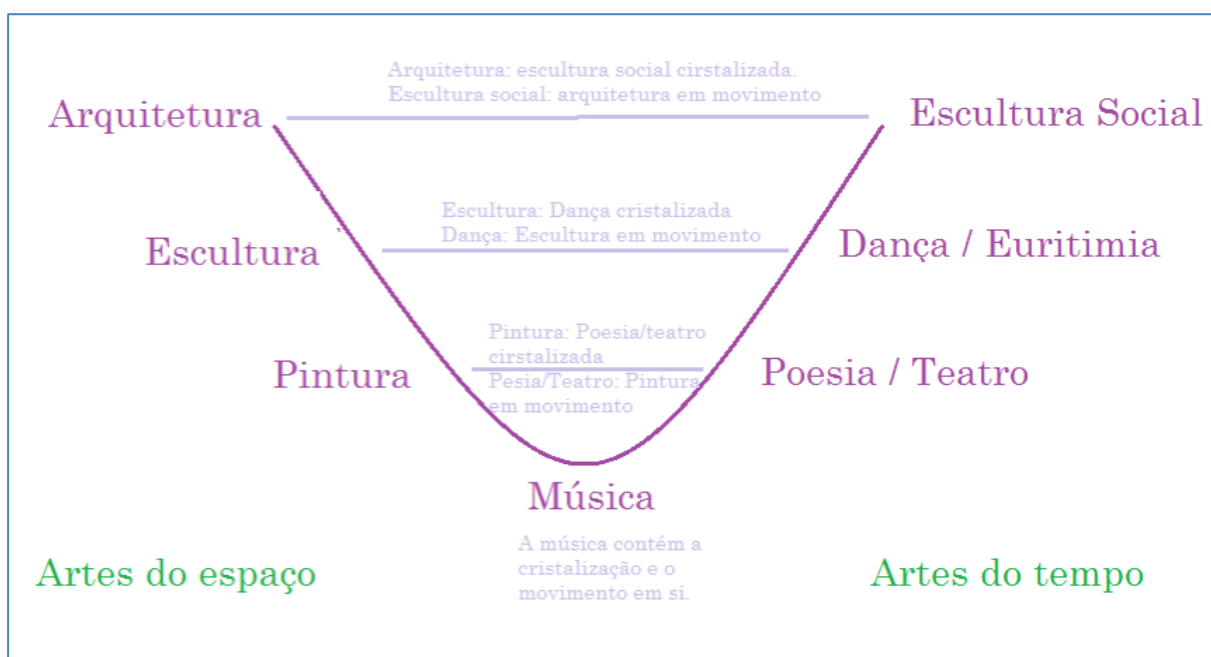


Imagem 26 – Imagem apresentada por Hermann Pohlmann em entrevista. Baseado nos conceitos de Rudolf Steiner.

A Escultura Social é uma arquitetura em movimento, ou seja, ela se manifesta no espaço, mas não se cristaliza, está sempre mudando e evoluindo. O seu movimento é a sua criação e sua forma se dá pelo constante movimento. Movimento

<sup>18</sup>

FONTE : <http://www.monteazul.org.br/home.php> , em 30.10.2016 às 14:12

este que se dá pelas pessoas, pela relação entre elas, pelo que estas pessoas criam como relações sociais e sua manifestação no espaço.

O CSA como escultura social seria uma forma de co-criação do espaço através de novas relações sociais, econômicas e ambientais.

Conta Hermann que, quando teve a ideia de começar um CSA no Brasil, quis criá-lo com a perspectiva, *de que “é preciso ter a leveza de brincar. Não era a ideia de somente querer “salvar” o mundo, se libertar dos agrotóxicos e ir para os orgânicos, queria ajudar o agricultor sem perder a leveza. Somando-se a isso, um CSA deveria como número de co-produtores, no máximo 200 famílias para que não se perca o conhecimento um do outro e concomitantemente se torne autossuficiente para não precisar vender em outro lugar, seja este uma feira ou outro tipo de comércio.”*

Com o intuito de montar uma CSA do Brasil, Hermann encontrou o CSA dos Estados Unidos e foi aprender em um projeto na Alemanha para montar um no Brasil. Em busca de agricultores que poderiam abraçar o projeto foi na Demétria que encontrou a possibilidade mais preparada. Começou com um grupo de 5 famílias em São Paulo e hoje são 400 famílias e 40 projetos e iniciativas no Brasil inteiro que começaram e vão começar.

Segundo Hermann,

*“os outros agricultores que tiveram certa resistência em começar um CSA estão começando a vislumbrar isto para o seu futuro pois lutam, trabalham muito, mas não acham mais quem quer trabalhar no campo com um pagamento de R\$800,00 por mês e veem como o Marcelo (agricultor do CSA Demétria) conseguiu pagar R\$1.200,00 e isso chama em 1º lugar as pessoas. Os jovens não querem mais trabalhar no campo se não veem um crescimento no futuro, continua Hermann, e a meta é conseguir pagar mais do que esse salário, mais do que nas feiras, mas precisa criar consciência em todos os envolvidos, porque R\$ 1.200,00 não é justo para uma família. E existe uma necessidade de parar de tratar os agricultores como pobres. A meta é atingir R\$ 2.500,00 para cada um que trabalha na horta, mas isso é pagar o dobro do que se paga pelos produtos na feira, porém ao mesmo tempo é investir no futuro. Diz Hermann, que se nada for feito hoje, nossos*



*filhos só vão comer produtos da Nestlé, Coca-Cola, Monsanto, esses criminosos. ”*

Quando perguntado se o dinheiro seria um atrativo, Hermann continua, “*qual as opções para os filhos desses agricultores? Continuar com os pais e ter pouquíssima entrada de dinheiro ou trabalhar em mercados, na construção civil, postos de gasolina, mas com uma clareza: às 17h o trabalho termina, sábado e domingo não tem trabalho, quando chove se está dentro e quando tem sol demais se está na sombra. Nos lugares tem internet, pode-se investir para comprar uma moto. No campo, eles gostam do trabalho, mas não veem futuro. E é esse futuro que precisa ser criado. ”*

### **O CSA como Escultura Social: O CSA Demétria.**

Sendo uma das pessoas que começou junto com Hermann, Claudia Bivaque e Carlos Lira, o movimento da CSA, Marit Scheibe (2015:3781), conta como foi o processo de começar esse primeiro CSA na Demétria:

Em 2011 se iniciaram as conversas entre agricultores e moradores do bairro Demétria. Num primeiro momento as conversas aconteceram separadamente. Interrogando os agricultores sobre seu trabalho e seu modo de ver, ficou evidente a dependência de feiras, onde podem e precisam vender seus produtos, muitas vezes através de intermediários. Uma grande preocupação é a incerteza para quem planta realmente, pois a cada feira é um jogo com o imprevisível, nunca se sabe quanto vai ficar na banca depois de uma feira, e conseqüentemente quanto de fato precisa ser plantado. Esse jogo com o imprevisível tem se tornado uma preocupação constante para os agricultores, assim os preços dos produtos já cobrem tudo àquilo que não encontra consumidores. Os preços se orientam naquilo que se “perde”!

Nas conversas com os consumidores, surgiu muitas vezes a questão da inacessibilidade dos produtos, principalmente biodinâmicos e orgânicos.

O segundo momento consistia em diversas conversas entre esses dois segmentos para se aproximar das questões em comum. Foram organizados encontros com mutirões e plantios, que sensibilizaram os participantes para a complexidade que é a relação entre os agricultores e consumidores. Neste momento os consumidores se tornaram um grupo de pessoas que se co-

responsabilizam para o trabalho do agricultor, ou seja, se tornaram uma comunidade aberta disposta para sustentar a agricultura.

A atuação do coletivo, Hermann Pohlmann, Marit Scheibe, Claudia Vivacqua e Carlos Lira, consistia em mediar situações tênues, flexibilizar pensamentos duros, ter a sensibilidade de compreender o que é falado, sem julgamentos precipitados.

Em seguida foram organizadas conversas mais íntimas com os agricultores (Paulo Cabrera, Marcelo Verrissimo e Matthias Jakob), trazendo à tona a questão da embalagem dos produtos como dos queijos, pães, iogurtes e hortaliças e do próprio marketing. Essas embalagens, além de sobrecarregar o meio ambiente, encarecem bastante o produto.

Uma segunda questão foram os certificados da IBD (Instituto Biodinâmico) para cada produto orgânico e biodinâmico. Outro fator que encarece o produto, pois a aquisição do certificado é bastante caro para o agricultor. Foi colocado aqui a importância da confiança pessoal que se estabelece entre consumidores e agricultores, conhecendo a área de trabalho e atuação dos agricultores, eliminando essa empreitada dos certificados. Um certificado se faz necessário em cidades grandes, onde o consumidor não tem mais relação nenhuma com quem plantou ou produziu tal produto. Numa situação de moradores, vizinhos dos agricultores esse certificado pode ser substituído pela confiança.

Depois de ter organizado um local (depósito) adequado para a exposição dos produtos, iniciou-se em 16 de maio de 2011 a primeira semana do CSA com 20 membros. Por um valor acessível por mês os consumidores recebiam e recebem até hoje semanalmente laticínios, pães e hortaliças.

Durante uma manhã os produtos ficam expostos nesse local e cada membro pode pegar a quantidade, antes estabelecida como “cota”, na hora que quiser. Os produtos estão expostos sem embalagens, cada membro precisa trazer seus vasilhames. Os produtos não serão brevemente separados em cestas, cada membro pega a quantidade na hora. No próprio local, onde os produtos estão expostos, acontecem encontros não planejados entre os membros, com trocas de legumes ou outras relações.

Os membros da CSA estão dispostos a financiar antecipadamente a produção de seus alimentos e carregam a situação do agricultor, também em momentos imprevisíveis, como muitas chuvas ou geada etc. A eles se tornou

compreensível que cada temporada tem seu legume específico e seu tamanho do queijo variável; a mesa está servida somente com produtos da época! Isso também trouxe outro fator importante: uma nova orientação culinária. Receitas foram trocadas entre os membros, dicas foram passadas. O ritmo alimentar muda.

Todos esses nuances das relações que aparecem quando estamos criando um coletivo, um grupo disposto a trabalhar junto e alcançar um objetivo, envolve uma habilidade de aprender a se relacionar de forma harmônica. Em relações estritas de mercado, pouco importa como eu me relaciono com quem me vende algo, contanto que eu tenha o meu produto, não é necessariamente importante eu aprender a co-viver com a pessoa que me o vende. Claro que há, por exemplo, uma troca de palavras, contudo, agora no ano de 2017, posso pedir minhas compras do mercado online, recebê-las em casa e não entrar em contato com quase ninguém da cadeia produtiva.

Um sistema de CSA é bem diferente desta lógica. Em primeiro lugar, o co-produtor faz parte do processo de definir o “preço” de sua cesta, faz parte da escolha do que será plantado (ou sugere, solicita), conhece o produtor e vai ao seu sítio (horta ou fazenda) pelo menos uma vez por ano e conhece o trabalho, o lugar de onde vem seu alimento e assim passa a compreender que em determinada época do ano certo alimento não fará parte da cesta ou, ao contrário, virá em grandes quantidades durante um longo período e por conseguinte, compreende e aprende sobre a vida no campo e ganha outra dimensão do que é o alimento e todo o seu processo de chegar até a mesa,

O co-produtor cria vínculo e se torna co-responsável por todo o processo, não somente pela “compra”, pois a “compra” não existe mais. O que existe é uma troca mutua do que “O que eu preciso?” pelo “o que eu posso oferecer?”. Não é somente o agricultor que oferece o alimento e em troca recebe o que precisa (dinheiro), mas um co-produtor pode oferecer um auxílio na parte administrativa do agricultor, por exemplo, auxiliando na contabilidade. As tarefas e os custos são divididos, cada membro assume uma função, seja na comunicação, tarefa no dia da coleta dos alimentos, seja na administração, etc. Todas essas ações coletivas podem auxiliar

tanto agricultor como co-produtor, pois no final das contas essa proximidade pode diminuir os custos das cestas e trazer vantagens para ambos os lados.

Idealmente a ideia da CSA é que a Comunidade ao redor da Fazenda a sustente. Anualmente, todos os membros da CSA devem se reunir e definir como serão divididos os custos. Como bem ilustra Wagner Santos<sup>19</sup>, membro do CSA Brasil e grande atuante na divulgação da CSA pelo país: “a partir da definição da necessidade do agricultor de sustentar o organismo agrícola, um grupo de pessoas divide isso de forma igualitária e cada um fica responsável por um desses valores (...) e passa a contribuir com uma cota”. O valor desta cota pode ser igual para todos ou, idealmente, em assembleia, cada membro expõe sua possibilidade de contribuir com mais ou menos de acordo com suas próprias possibilidades financeiras. De acordo com a experiência da CSA Hof Pente na Alemanha, esse processo tem muito sucesso. É importante ressaltar que todos os custos anuais da Fazenda são apresentados, entre eles, salário, sementes, manutenção, transporte, etc. Lembrando, que de acordo com a necessidade do co-produtor, este poderá optar por mais do que 1 cota.

O agricultor Marcelo (da CSA Demétria, Bauru e Ourinhos) conta, em entrevista para este trabalho, que no ano de 2015 houve uma seca grande na região de Botucatu e o sistema de irrigação precisava ser trocado, ele tinha a opção de pedir um empréstimo no banco de mais de R\$2.000,00, mas os membros da CSA se juntaram e cada um colaborou com o que podia, uma média de R\$25,00/cota e juntos compraram o necessário para o sistema de irrigação.

Esse é um bom exemplo de como muda a lógica das relações. O agricultor não está mais dependendo do capital do banco para continuar a produzir, ele não precisa fazer dívidas e pagar juros para o empréstimo. O agricultor, numa CSA, se liberta do atravessador que negocia sua “mercadoria” e o que ele planta deixa de ser uma “mercadoria”, o valor que a cesta tem não é, necessariamente, definida pelo mercado (oferta e demanda).

Relembrando o que Vivas apresenta como quatro elementos característicos da produção de alimentos no sistema capitalista: *intensivo, industrial, quilométrico e dependente do petróleo*, a CSA muda toda essa lógica, por ser uma agricultura que

---

<sup>19</sup> <https://www.youtube.com/watch?v=vvikK7v1yY0> em 24.08.17 às 11:46

respeita o tempo da natureza, tanto na quantidade da produção quanto na biodiversidade, a produção é local, orgânica e apoia a troca de sementes crioulas, biodinâmicas e saberes tradicionais. Há uma procura por independência de grandes corporações que vendem as sementes modificadas, insumos, etc.

Uma CSA reforça o trabalho da agricultura familiar, da ajuda mutua e elimina qualquer tipo de trabalho escravo, dando para o agricultor a autonomia em relação aos seus meio de produção.

Em uma CSA não há espaço para atravessadores, nem para a influência do capital financeiro. A renda da terra fica nas mãos dos agricultores e há uma noção fundamental de que há abundancia de alimentos para a produção e consumo.

A questão da posse da terra é, ainda, uma questão a ser olhada com mais profundidade, mas não é o objetivo deste trabalho. Apesar de haver CSAs, muitas iniciativas ainda ocorrem em terras arrendadas, todavia, a ideia é que no futuro a CSA se estruture de uma maneira que possibilite que o agricultor tenha a possibilidade de ser o dono da terra e isso poderá ocorrer com o apoio da comunidade e não de instituições financeiras ou governamentais.

Antes:



**Imagem 27.. Vista aérea do Condomínio Atiaia (Década de 1970). Foto: Fabio De Bona**

Agora:





**Imagem 28..Horta do Marcelo. Condomínio Atiaia. Foto: Stefanie Mattern**



**Imagem 29..Horta do Marcelo. Condomínio Atiaia. Foto: Stefanie Mattern**

## **Conclusão**

O caminho deste trabalho foi de ir do todo para a parte. De uma visão sobre a agricultura, pela atual situação do campo brasileiro, ilustrando uma iniciativa como a Demétria, que rendeu diversos frutos e chegando, por fim (ou meio), à ideia de Comunidade que Sustenta a Agricultura.

Esse caminho ilustra um movimento que ocorre e que poderá ser de grandes respostas para as perguntas que a nossa sociedade começa a fazer agora. A questão da alimentação é latente para o homem e a maneira que o nosso sistema alimentar está estruturado pode levar a grandes crises alimentares no futuro, a não ser que comecemos a realizar um outro tipo de agricultura e redefinir as relações entre campo e cidade, produtor e consumidor.

Retomando o que foi dito no Capítulo 1, o COMO (com que qualidade) se dá as relações do homem com a terra cultivada (Demétria) é o COMO (com que qualidade) nossa sociedade está configurada, como são suas características. Temos, portanto, uma escolha. Uma escolha que deverá ser consciente e levar em conta as mais diferentes dimensões da vida, não somente a econômica. A escolha tem a ver com os aspectos econômicos, sociais e ambientais como um todo e deverá olhar a humanidade em sua complexa totalidade.

Apesar de todas as grandes oportunidades que o Bairro possibilitou e possibilita aos moradores e à agricultura orgânica, ainda é necessário rever a questão de como acontecem as relações econômicas e da posse da terra. A possibilidade de exercer algo como a CSA, neste contexto é um exercício em construção, pois há possibilidade de o Bairro Demétria todo se tornar uma grande CSA, abrangendo a agricultura, a educação, os pequenos artesãos, etc.

Foi uma escolha consciente falar sobre o processo geológico e a importância do Aquífero Guarani nesta região e retratar a parte histórica do Bairro Demétria, que teve a intenção de trazer uma diferente iniciativa para o Brasil e ilustra como a ação humana com propósitos e objetivos direcionados para o “com-viver” harmônico com a natureza pode trazer de volta para a terra a umidade, as plantas, os animais, o viver em comunidade.

A CSA como obra de arte é esse futuro que se constrói ao se realizar no momento presente e através das pessoas que no seu dia-a-dia escolhem agir diferente no mundo.

A CSA me possibilitou achar uma esperança pessoal na questão agrária brasileira e que, de maneira prática, muda a lógica do modo capitalista de produção, dando a oportunidade para nós, como sociedade, exercermos os tipos de relações que queremos construir. De um lado uma diversidade ecológica, de cultivo da terra, de opções de educação e um constante aprendizado de como viver em comunidade e, de um outro, uma monocultura, relações específicas de poder e de economia. De um lado, apesar da existência de um mercado, há uma tentativa de transformar as relações existente e procurar uma outra maneira de se organizar e agir em comunidade; e de um outro uma lógica voltada somente para o mercado. De um lado uma rica variedade de pessoas e experiências, de um germe de criação de um novo modelo, e de um outro lado a reprodução de uma lógica extremamente capitalista. Cabe escolher.

Já é o momento de transformarmos nossa cultura do PREÇO para uma cultura do APREÇO.



## **Bibliografia**

**Atlas da Cuesta** / Organização: Juliana Griese e Murilo Gambato de Mello; realização: instituto Itapoty. Botucatu: FEPAF, 2012.

BOMBARDI, L. M. **O bairro Reforma Agrária e o processo de territorialização camponesa**. São Paulo: Annablume, 2014.

BOMBARDI, L. M. Violência Silenciosa: o uso de Agrotóxicos no Brasil. **Anais do VI Simpósio Internacional de Geografia Agrária: Universidade Federal da Paraíba**. João Pessoa, 2013.

BRANDÃO, JUANITO DE SOUSA. Mitologia Grega Volume1. Petrópolis, Editora Vozes, 1987.

CAMPBELL, JOSEPH. **O poder do mito** / Joseph Campbell, com Bill Moyers; org. por Betty Sue Flowers ; tradução de Carlos Felipe Moisés. -São Paulo: Palas Athena, 1990

GRAIN. Veinte años em que las agroindustrias han devastado los sistemas alimentarios. El grande robô de La leche.La enorme industria de La carne por El Sur. In ; \_\_\_\_\_ **EL grande robo de los alimentos**. Barcelona, Icaria, 2011, p. 21-47 e 68-78 [AD]

GRAIN. *Sanidad alimentaria ¿para quem?* In ; \_\_\_\_\_ **EL grande robo de los alimentos**. Barcelona, Icaria, 2011, p. 48-64

IRITANI, MARA AKIE; EZAKI, SIBELE. **As águas subterrâneas do Estado de São Paulo**/Mara Akie Iritani, Sibelee Ezaki. – São Paulo: Secretaria de Estado o Meio Ambiente – SMA, 2012.

KAGEYAMA, A.(org.) “O Novo Padrão Agrícola Brasileiro: do Complexo Rural aos Complexos Agroindustriais” .In: Delgado, G. C. **Agricultura e Políticas Públicas**. Brasília: IPEA.,1990, p.113-223.

OLIVEIRA, A. U. de. *Barbárie e modernidade: as transformações no campo e o agronegócio no Brasil*. **Revista Terra Livre**. São Paulo: AGB. Ano19, v.21, n.21, p.113-156.Jul/dez2003

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. A MUNDIALIZAÇÃO DA AGRICULTURA BRASILEIRA. São Paulo: Iandé Editorial, 2016, 545p

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária. São Paulo: Labur Edições, 2007, 184p.

PORTO-GONÇALVES, C.W. ; ALENTEJANO, P.G. Geografia agrária da crise dos alimentos no Brasil. (mimeo) [AD]

REPORTER BRASIL. **O Brasil dos agrocombustíveis**. Cana 2009. São Paulo: Repórter Brasil. 2010, 64 p. In: [AD]

**SCHEIBE, M ; POHLMANN: H.** O artista como mediador social: CSA como exercício de escultura social. Simpósio 10 – Práticas colaborativas na arte contemporânea: processos criativos críticos e tensionamentos políticos. 24º Encontro da ANPAP. 2015.

THOMAZ JUNIOR, A. Não há nada de novo sob o sol num mundo de Heróis (A Civilização da barbárie na agro indústria canavieira. **Pegada**. Presidente Prudente-SP: UNESP, v.8, n.2, p.5-25 [AD]

VIVAS, E. Los entresijos del sistema agroalimentario mundial. In: MONTAGUT, X.;VIVAS,E. (org.). **Del campo al plato**: los circuitos de producción y distribución de alimentos. 5ª ed. rev. ampl. São Paulo: EDUSP, 2009, p.465-534